Binho Barreto

PERÍMETRO URBANO

Leme

PERÍMETRO URBANO

Binho Barreto

Perímetro urbano é um retrato de corpo inteiro de Binho Barreto. O artista nos oferece aqui registros de algumas de suas engenhosas performances, intervenções em formato de pinturas usando plataformas as mais diversas, desde empenas cegas de casas e edifícios até uma carroceria de Kombi, acompanhados de desenhos e textos. E que textos! São pequenas crônicas, saborosas memórias, ficções documentais, prosas prenhes de poesia, poemas-relâmpagos, que, ilustrando ou explicando as imagens selecionadas, funcionam autonomamente, numa demonstração de que a sensibilidade de Binho Barreto abraça o mundo em toda a sua plenitude, com humor e lirismo.

Luiz Ruffato

O mais profundo é a pele
Paul Valery

Difícil escrever sobre uma aventura artística que completa vinte anos, de um artista que só conheci há cinco. Dizer de um amigo que já engendrava aquilo em que se tornou, mas certamente não era o mesmo. Como conhecê-lo? Um depoimento pessoal: tenho o hábito de imaginar as pessoas de quem gosto como elas eram na infância, na adolescência, e também fico imaginando como elas serão quando estiverem velhinhas. Fiz esse exercício com o Binho, amparado pelo que me foi apresentado neste livro.

Consultei o I Ching com a pergunta *Quem é o Binho?* para, através da resposta, depreender sua arte. Eis que o hexagrama vinte e cinco está na casa da inocência, composto por dois trigramas que se lê de baixo para cima; o primeiro trigrama é o do *incitar*, o *movimento*, *trovão*, regido pelo segundo trigrama – o *criativo* – o *céu*. Diz coisas assim *O homem recebeu do céu uma natureza essencialmente boa, para guiá-lo em todos os seus movimentos. Entregando-se a esse princípio divino dentro de si, o homem alcança uma inocência incontaminada. Ela o conduz ao bem com certeza instintiva e livre de intenções ulteriores de recompensa ou vantagem*.

O Binho que conheço reflete tanto na vida quanto no seu serviço a descrição do I Ching. Quem anda pelas cidades e se depara com seus graffitis acessa o afeto, a inocência, a criatividade, e quem o conhece também. É um alento auspicioso perceber que sua motivação de grafitar vem antes do desejo de conhecer pessoas e lugares simples e genuínos – que preservam algo que a voracidade do crescimento urbano ainda não consumiu – e não de uma vaidade pessoal.

O leitor encontrará uma narrativa saborosa e perspicaz, fluida, na tradição dos mais tocantes textos dos escritores *beatniks* e dos nossos melhores cronistas. Algo como um relato de viagem feito de pequenos contos/casos, à maneira de um iniciado zen urbano. Li em algum lugar, ou teria visto em algum vídeo, o escritor Fernando Sabino dizer algo como querer escrever de uma forma que oferecesse ao leitor a impressão de que não estivesse lendo. É a impressão que causa este livro. Como exemplo à contraforma, a escrita do Binho, tal como seus desenhos, não têm a intenção de castigar o leitor com virtuosismo retórico ou linguagens experimentais. Não que ele não pudesse ou não fosse bom em realizar tais projetos.

Binho nos convida a participar das aventuras do seu fazer do dia a dia, grafitar em suportes variados, subir em andaimes precários, pintar rodeado de amigos, festas e músicas. São como retratos analógicos que captam o tráfego, a morte, as injustiças, a malandragem, a solidariedade, formando um composto poético cuja memória do efêmero faz pensar naquilo que estamos perdendo na nossa vida contemporânea embrutecida, a necessidade da leveza, do movimento, do afeto, da delicadeza, sem perder a densidade e a consciência crítica.

Este livro guarda também páginas proveitosas para quem gosta de pensar processos criativos; é um material oportuno para sensibilizar a comunidade – e o poder público por extensão – da necessidade de respeitar e valorizar quem intervém na pele da cidade, por uma superfície que convide ao diálogo e não ao muro que nos separa.

Renato Negrão

Este é um livro de despedida, de invenção e de boas-vindas.

Dedico-o a todos com os quais tive encontros nessas duas décadas de desenho e perambulação pelas ruas da cidade.

A profundidade do cão.
A superfície do tempo.
A tradução da imagem.
A inconsistência dos dias.

Mandíbula.
Textura.
Segredo.
Resmungo.

Abrir os olhos e enxergar

no escuro.

Perímetro urbano

No perímetro urbano, onde ler ribeirão, rio ou córrego, entenda esgoto. Montanha chamará minério. E onde encontrar vida, procure força de trabalho, consumo e sustento. Onde não houver renda, surgirão invisibilidade e sobrevivência. Onde não tiver nada, uma oportunidade. Onde tiver transporte, engarrafamento. Naquela bruma leve matinal, pó de asfalto.

Para a prefeitura, árvore significará manutenção. Fauna, zoonoses. Onde tiver espaço, procure pavimento, estacionamento ou escoamento da produção. Onde tiver cidade, procure coração. E onde houver coração, escute se está batendo.

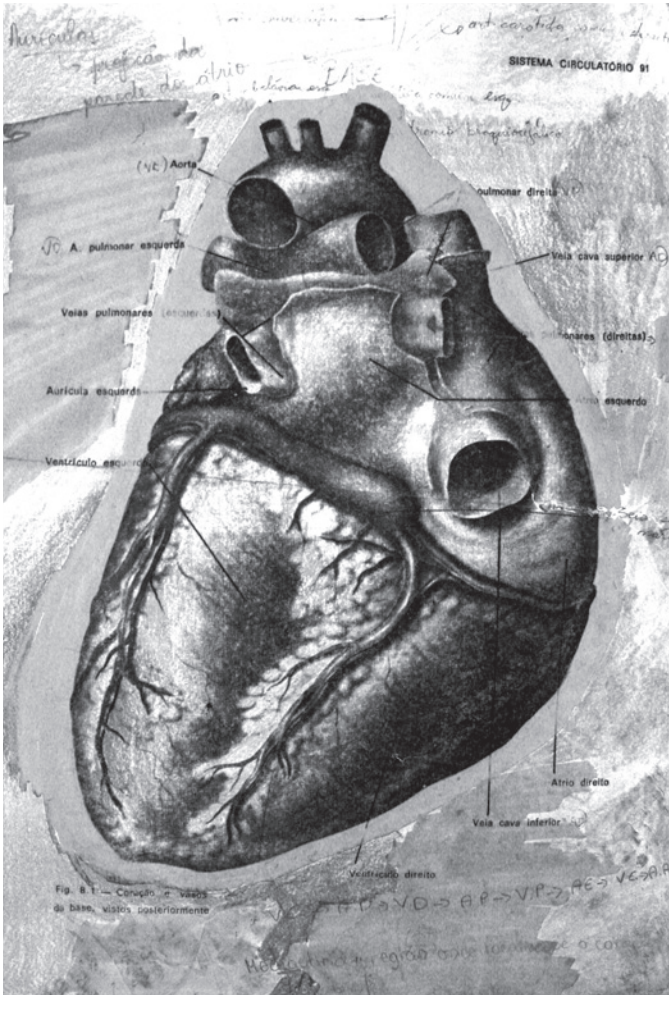
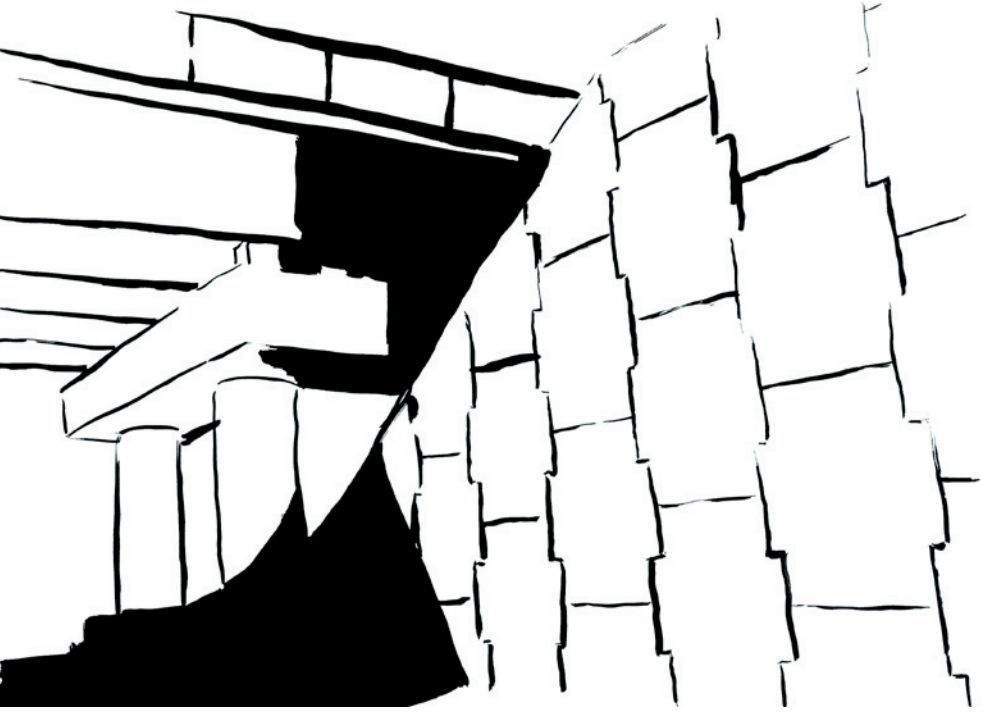


Fig. 8.1 — Coração e vasos da base, vistos posteriormente

Sangue de bairro

Talvez as rotinas dos bairros, nas ruas menores, sobretudo nas que ainda restam com calçamento, nos lembrem de algo que estamos perdendo a cada camada de asfalto – com edifícios envidraçados erguidos da noite para o dia. Existem ruas onde os cachorros ainda tomam sol nas calçadas, em que os vizinhos bebem cerveja nos portões das casas e os comerciantes usam cadernetas desbotadas para anotar as contas dos clientes cativos. Existem lugares onde os botecos ainda precisam avisar que não vendem fiado e o silêncio é eventualmente quebrado por algum cano de descarga de motocicleta. Existem bairros que ainda têm a atmosfera de bairro: os chinelos arrastam, as barbas crescem e o tempo é contado pelo mato que brota por entre o concreto.

Fui criado no hipercentro belorizontino e depois me mudei para diferentes bairros: sul, sudeste, oeste, leste e nordeste. Andei pela cidade como se fosse um país. Aprendi a respeitar cada rua como lembrete dos que vivem por ali. Comecei a refletir sobre a cidade e a sentir os seus espaços. Procuro aproveitar cada bairro como quem observa um animal em extinção. Me interesso por conhecer novos lugares, por saber onde estou e por me perder. Costumo andar por onde circula sangue de bairro.



quanto mais complexa se torna a cidade
mais vejo a importância da simplicidade

Graffiti na era da fotografia analógica

Imagino que os amigos fotógrafos tenham ficado contrariados com o título. Desculpem, só escolhi porque soa bonito. Entendo que a fotografia analógica ainda é amplamente usada. Meu texto se refere a um período em que a foto digital não era popular e pouquíssimas pessoas tinham acesso ao equipamento. Quando comecei a grafitar, pintava com uma equipe que assinava *Jetz*. Nossos primeiros registros eram feitos com câmeras compactas fuleiras, de plástico e com filme, quando muito, de trinta e seis poses.

Aprendi o que era ISO (a sensibilidade do filme) depois que repetidas vezes perdi a foto por falta de luz no ambiente. Era uma emoção fazer o graffiti, fotografar e esperar semanas ou meses até conseguir revelar o filme – ainda mais que éramos todos duros e a pouca grana que a gente tinha gastava com tinta. Frequentemente não saía nada, literalmente era só "filme queimado". De tanto tomar prejuízo e perder o registro, resolvi estudar fotografia. Apaixonado por ela, quase larguei o desenho.

Consegui de empréstimo uma câmera analógica melhor. Era uma soviética da marca *Zenit*, tão robusta que parecia um trator. Com o tempo fui aprimorando

os registros e perdendo um número menor de fotografias. Nesse período fiquei amigo do Xerel, conhecido pelos cartazes colados pela cidade. Ele tinha mania de fotografar graffitis, pixos e perambular à procura de imagens. Tenho uma gratidão enorme por tê-lo conhecido; na época, um grafiteiro conhecer outro em Belo Horizonte era quase como um encontro de pinguins no deserto do Saara. Quando acontecia alguma festa ou encontro de grafiteiros, era de praxe que todos levassem os álbuns de foto para se atualizarem sobre o que estava acontecendo na ainda pequena e incipiente cena local.

Com o passar do tempo, fui perdendo todo o meu acervo de fotos do período analógico. Acho que um pouco do desapego que a gente treinava com os graffitis nas ruas, acabávamos transferindo para as fotografias – embora eu ainda lamente os negativos que desapareceram. As revelações vinham seguidas pela surpresa ao ver imagens de um trabalho do qual já se tinha até esquecido. Muitos graffitis que eu fiz foram, assim como as fotos, para o esquecimento – às vezes alguém me lembra deles e a imagem é refeita na minha memória com o relato. Eventualmente acontece de visitar um amigo e ver que ele tem alguma fotografia que tinha sido completamente esquecida.

Trem

Era como se eu morasse perto do mar e ouvisse as ondas batendo ao longe, mas não tinha mar, não tinha onda e nem aquela brisa costeira. Era prédio para todo o lado e um descampado na linha do trem. Lá tinha um suspiro de horizonte entre os muros da ferrovia. Do alto do meu prédio eu avistava uma lacuna sem prédios, sem parede por perto. Era brita e trilho. A fumaça e a neblina do minério dos vagões podiam ser percebidas ao longe. Havia também um prazer estético, talvez um certo deleite de desgraça. Naquela época eu não tinha a consciência das montanhas*, do diesel, do destino na China ou em algum país distante, só uma admiração pela máquina de ferro e seus engates. Ainda tenho um prazer estético ferroviário.

O fato é que gosto de ver as composições pesadas deslizando sobre os trilhos. Acompanho os desenhos e escritos de giz, spray ou látex nas superfícies dos vagões e imagino que eles passarão por lugarejos distantes onde nem as rodovias alcançam. Desde os tempos da RFFSA (Rede Ferroviária Federal), com as locomotivas vermelhas com detalhes amarelos, meus olhos brilhavam. Nessas épocas a gente perambulava entre saqueadores dos grãos que eram transportados nos vagões

e caroneiros que vinham nos cumprimentar, imundos de minério – da linha observávamos os rabiscos indo embora nos lombos dos trens. Já caminhei sobre as britas até embaralhar a vista na perspectiva quase infinita dos trilhos, encontrei amigos e ouvi histórias de trecheiros. Talvez tenha nisso algo de poesia vagabunda ou apenas lembranças de um tempo em que nos era permitido atravessar por entre os vagões usando a linha como atalho para um bairro vizinho.

Minas tem muitas ferrovias, talvez por isso mineiro chame qualquer coisa de trem. Em Belo Horizonte, a linha ferroviária está presente por toda a cidade. Escuto a locomotiva passando ao longe, na rua Sapucaí, no viaduto de Santa Tereza, no Horto ou em qualquer bairro cortado pelos trilhos. Entre automóveis e prédios, acompanho esse ser pesado e fedorento que habita nossa árida fauna urbana. Quem já pisou na linha talvez saiba do que estou falando – de uma quietude barulhenta, de um distanciamento e de uma lacuna bem em meio à aglomeração da cidade.

1233

[*] *Pensar no minério com insistência de estudo: perseverar em cima do que não é coisa comum porque todos sabem que minério é entranha da carne da terra da mesma forma que matam uma galinha corriqueira; mas ele não é normal porque serve para quase tudo como um deus, apetrecho cotidiano, invisível na simplicidade do uso.*

Laura Cohen Rabelo, 2016

A morte do Caveira

Caveira era um amigo skatista. Eu soube da notícia quando estava de férias no Ceará. Um amigo entrou em contato comigo e falou: *O Caveira morreu*. A morte é prática, não tem muito o que falar ou fazer. É e pronto. Não éramos muito próximos, mas éramos amigos do skate. Todos gostavam muito dele. Com a gente ele tinha um jeito sempre divertido e solícito. Soube que no dia fatídico ele descia uma avenida no skate, um carro furou o sinal e.

Foi organizado um evento, no bairro Betânia, em homenagem ao Caveira. Bandas tocando, skatistas andando em obstáculos improvisados e muitos amigos por perto. Fui fazer um graffiti lá – eu já estava de volta a BH e não poderia deixar de ir.

Cheguei em um muro, de blocos de concreto encardido, e tinha um buraco do tamanho de um punho fechado em um dos blocos. Encontrei algo que me ajudava a traduzir um pouco do que eu sentia. Encaixei o desenho aproveitando o buraco no lugar em que ficaria o coração. Fiz o personagem segurando e olhando com perplexidade para o coração. Naquele dia eu só conseguia ouvir o barulho dos carros ao longe e pensar: *O Caveira morreu*. Ouvir os roncos dos motores e repetir para mim mesmo: *Porra, o Caveira morreu*.

No final caiu um temporal e ficou uma poça com um resto de tinta branca sobre a calçada. O graffiti sobreviveu à chuva. Fiz a foto e fui procurar abrigo.

Abacachic

Eu sempre passava por aquela rua no bairro Santa Inês e já tinha reparado na Kombi que vendia abacaxi. Ela ficava parada, com os pneus vazios e com uma lona cinza cobrindo a carroceria. Um dia, passando de bicicleta, arrisquei:

– Moço, posso fazer um desenho aí? Tipo assim... um graffiti?

– Pode sim! A lona vai sair, mas poder pode. – Respondeu imediatamente.

Fiquei surpreso com a facilidade da resposta e sem entender sobre a lona. Depois descobri que a prefeitura, com a intenção de expulsar os vendedores dali, arrancava a lona toda vez que passava a fiscalização. Quem faz graffiti já está acostumado com o risco de o trabalho desaparecer mais rápido do que se imagina. Combinei de voltar na primeira oportunidade que eu tivesse para fazer a pintura, já que na hora eu não tinha material e nem tempo suficientes.

Dias depois, em casa, folheando um livro sobre arte, me deparei com uma imagem que achei muito interessante. Era um autorretrato do século XVIII

feito pela pintora Angelika Kauffmann. Tinha uma simplicidade nos traços e uma economia de elementos na composição que me marcaram. A imagem ficou na memória.

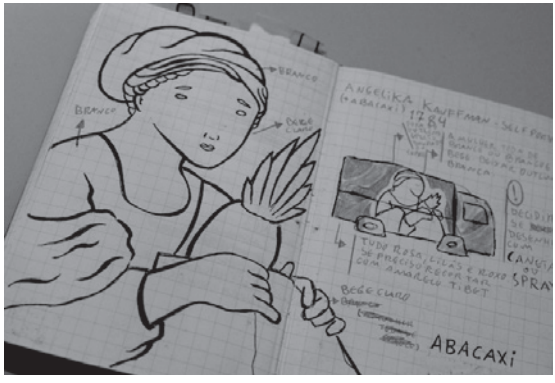
Volta e meia eu voltava a pensar na Kombi. Por algum motivo tinha imaginado dar um ar nobre a ela, algo que fosse refinado e cotidiano. Abacachic. A imagem do autorretrato me voltou à lembrança e experimentei redesenhá-lo com o meu traço em um caderno de rascunho. Gostei do resultado e resolvi fazê-lo na Kombi. Algum cruzamento estranho se processou em mim: abacaxi, refinamento, cotidiano e a pintura do século XVIII.

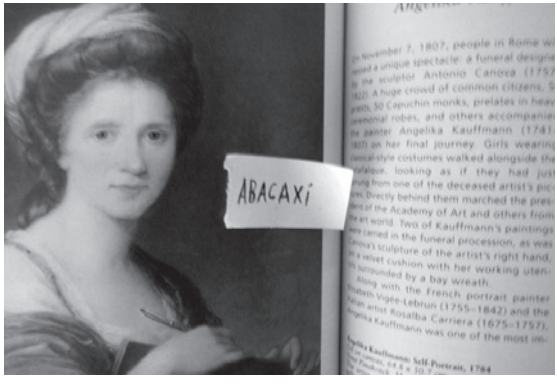
Fiz o graffiti enquanto batia papo com os vendedores de abacaxi e com um sambista, de chapéu e sapato branco, que tinha saído de um boteco em frente para acompanhar o meu trabalho. Soube, dentre outras coisas, que os pais desses vendedores iam de bate e volta até o Espírito Santo, quase toda semana, buscar os abacaxis para vender. Marataízes. Saíam de Belo Horizonte, enchiam o carro (um outro veículo, já que a Kombi não rodava) e voltavam. Finalizei a pintura, ganhei uns abacaxis e fui embora.

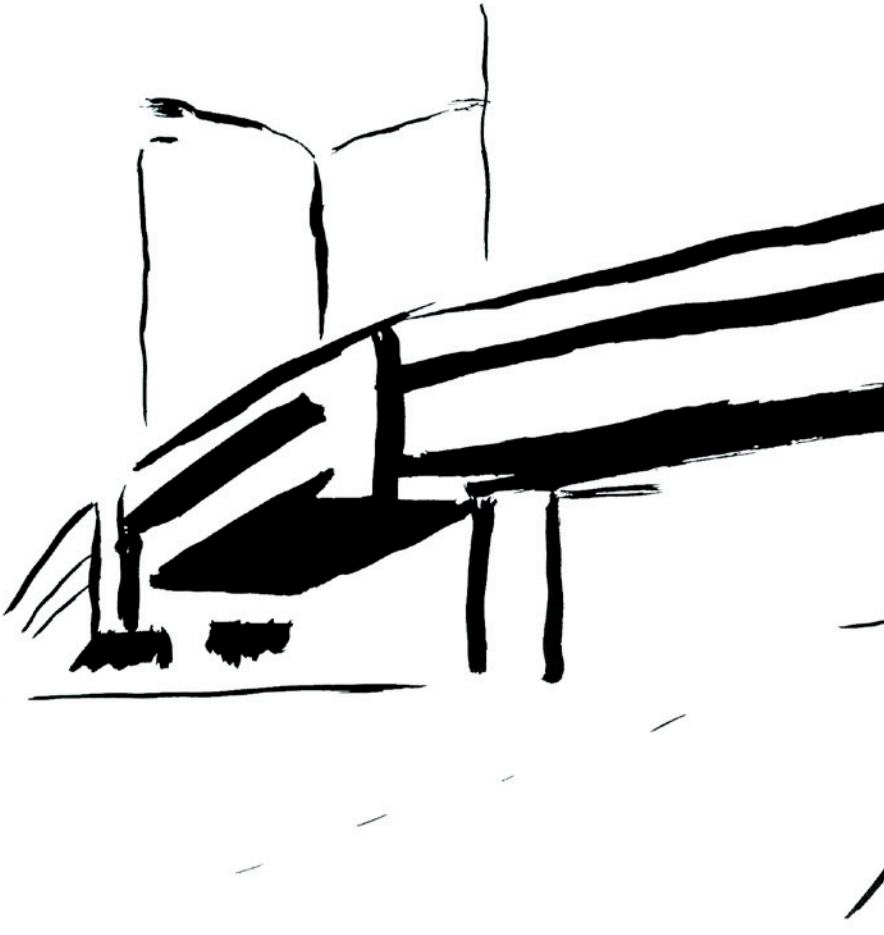
Um barato do graffiti, para mim, é conhecer pessoas e arejar; saber de outras histórias e entender

como cada um lida com a vida prática. Ele funciona como uma interface.

Meses depois a Kombi ainda estava lá, sem a lona – e o meu desenho ficou sem a cabeça, perdeu toda a parte de cima. Os abacaxis continuam a ser vendidos no mesmo local até hoje. Penso sobre essa experiência de trás para frente: o dia da pintura, a escolha das tintas, o rascunho, o abacaxi e a Kombi. Acho os processos criativos, nas mais diversas áreas, extremamente instigantes: quase do nada alguma coisa dispara um processo e acaba chegando em um lugar que a gente nem imaginava.


ANGELIKA KAUFFMAN
1784
ABACAXI


ABACAXI



atravessei fora da faixa
sem olhar os carros,
todo *bon vivant*

amanheci u.t.i.

Pintar junto

Das minhas memórias mais antigas até as atuais, as parcerias sempre estiveram presentes no graffiti. Desde o princípio, em 1995, quando eu pintava com a equipe com a qual comecei (*Jetz*), pintar junto sempre foi um prazer. Fiz os meus primeiros graffitis coletivamente. Na última formação, era um trio: eu, MTS e o falecido Homaley – além dos diversos companheiros que participaram em momentos esporádicos. Juntos fizemos muitos desenhos e assinamos conjuntamente pela cidade afora.

Desfizemos o grupo e passei a assinar *Bin*. De lá para cá, pintei com várias gerações de grafiteiros. As trocas, conversas e amizades foram evoluindo lado a lado com a técnica. Lembro de uma frase que ouvi vindo de alguém do Movimento Manguebit: "É importante ter uma promiscuidade cultural, circular e trocar com as mais diferentes pessoas".

Uma das coisas mais ricas do graffiti são as trocas e afinidades que vão surgindo. Os momentos compartilhados tentando buscar a harmonia entre estilos diferentes em um mesmo muro são experiências que vão muito além do ato de pintar. Naturalmente o traço de um cede algo ao do outro na busca pela unidade da composição. Acontece uma contaminação

que fica na técnica, no afeto e na memória. Pintar junto tem algo de amizade e de encontro, da cervejinha descompromissada, de um jogo de baralho ou de um papo furado na esquina.

Atualmente o graffiti conta com um circuito que se autoalimenta: lojas especializadas, fabricantes de tintas voltadas para a arte urbana e um número incontável de praticantes espalhados pelos mais remotos cantos das cidades.

A apoteose da grafitagem coletiva é quando ocorre algum festival, que geralmente são eventos produzidos pelos próprios grafiteiros com muita vontade e pouco dinheiro. Dezenas de pessoas, e algumas vezes centenas delas, se reúnem para passar um final de semana pintando junto.

Os festivais são extremamente democráticos, mesmo que eventualmente seja necessária uma seleção para chegar em um número viável de participantes. Iniciantes e grafiteiros mais antigos pintam conjuntamente em um clima de troca e de confraternização. Algumas vezes, no final da pintura, um dos organizadores aparece com uma churrasqueira e faz o rateio dos comes e bebes. Exaustos e sujos de tinta, improvisamos alguns assentos na calçada e terminamos o evento colocando a conversa em dia.

Rua Boa Esperança

Cheguei na casa demolida e olhei em volta. Nada. Alguns entulhos, restos de ferro, plástico e madeira. Um bocado de tralha amontoada. Imaginei que o espaço sob os meus pés era o chão da garagem onde algum automóvel imponente era guardado, um Landau ou um Dodge Galaxy. Pela localização e tamanho do terreno, deveria ser casa de gente abastada. Com a imaginação, abri uma porta que deveria levar da garagem para a sala: um sofá, talvez um piano e uma televisão de frente para a porta, uma t.v. valvulada, e no canto um imenso pufe de couro dos anos setenta. Fui andando pelo corredor, uma trilha inventada sobre restos de tijolos. Uma casa sem paredes nem muros. Uma não-casa.

A primeira porta à esquerda era o banheiro, como de costume – logo depois da cozinha. Olhei para o chão e não encontrei nenhum vestígio de encanamento. Segui para um suposto quarto: restos de brinquedos quebrados entre ferros distorcidos. Vi pedaços de telha de amianto e imaginei uma varanda com uma lavanderia. O amianto, sempre o amianto, esquentando o ambiente que devia exalar sabão em pó e amaciante. Na varanda, uma rede encardida

e os mosquitos a aborrecer. Olho em volta e só vejo destroços, restos de uma casa no chão, resgatando memórias que nunca vivi. Provavelmente ali surgirá um edifício com portaria de blindex, porcelanato e algum detalhe em granito. Saí da casa de entulhos, tranquei o portão inexistente e me despedi de alguns vizinhos imaginários.

VIDA LO

cidade é no topo do prédio

cidade é aqui embaixo

COUROS

MARR

Problema

Passei dois dias pintando o painel da página anterior. No segundo dia, no meio da tarde, uma senhora me gritou de uma janela do terceiro andar do prédio em frente ao muro:

– Ei! Moço! Moço!

Tirei o fone de ouvido da orelha e pensei: *Danou-se, ela vai chamar a polícia*. Olhei para cima para ver a cara dela.

– Que foi?!

– Obrigada, moço. Meu filho não pode descer, ele tem problema. Está adorando te ver pela janela. Esse desenho está lindo!

– Problema?!

– É! Ele é doente, tem dificuldade para descer até a rua, só fica em casa todo dia. Tá lindo, parabéns! Tá fazendo muito bem pra ele.

Confesso que engoli seco, meio triste e meio fascinado com a situação. Dei um sorriso sem graça e voltei para o muro. Nas horas seguintes eu ainda dava

uma espiadinha despistada e estavam lá, mãe e filho, acompanhando o meu serviço.

Passei de bicicleta pela rua outro dia e a casa não existia mais: foi demolida e deu origem a um prédio em construção. A janela do terceiro andar do edifício em frente estava fechada. Acelerei a bike sem olhar para trás.

RIACHO
ELO HORIZONTE
R. RIO DANUBIO (PC) - R. RIO PARAOPEBA
RIO XINGU - PÇA RIACHO - RIO NEGRO
RIO COMPRIDO - MERCADO CENTRAL
DE CONTAGEM - PÇA CEMIG - AV. AMAZONAS
PÇA. RAUL SOARES - MERC. CENTRAL
DE BH - PÇA. SETE - AFONSO PENA
ALVARES CABRAL - AUGUSTO DE LIMA

ENTRADA
DAKO
FOGÃO
FRENTE
DAKO

O gigante gentil

O Glauco morava em Raposos, cidade perto de Belo Horizonte. Ele me chamou para fazer um graffiti na parede entre a casa dele e a da vizinha. Conversa vai, conversa vem, chegamos no rascunho de um boneco gigante oferecendo uma flor na janela dela. Não me lembro se levei um ou dois dias pintando. Ele tirou um cavaquinho e ficou tocando uns sambas com outros vizinhos enquanto eu trabalhava. Do alto da escada eu só ouvia a batida leve no cavaco misturada ao vento que soprava a seis metros do chão. Alguns dias depois recebi a foto da vizinha, uma senhorinha sorridente, abrindo a janela para receber a flor. Desde então, sempre que vejo essa foto ao lado é como se minha imaginação fizesse uma colagem e o rosto da senhorinha aparecesse abrindo a janela e, ao fundo, o som leve do cavaquinho.

A realização da pintura me levou a descobrir a cidade de Raposos, onde existe a Casa de Gentil – um centro cultural que trabalha com a tradição do congado e proporciona diversas atividades para a juventude. Na região vivia um homem chamado Sr. Gentil, que era mestre de uma guarda de congado. O nome do centro cultural foi dado em homenagem a ele. O Glauco apelidou esse desenho de “O Gigante Gentil”.

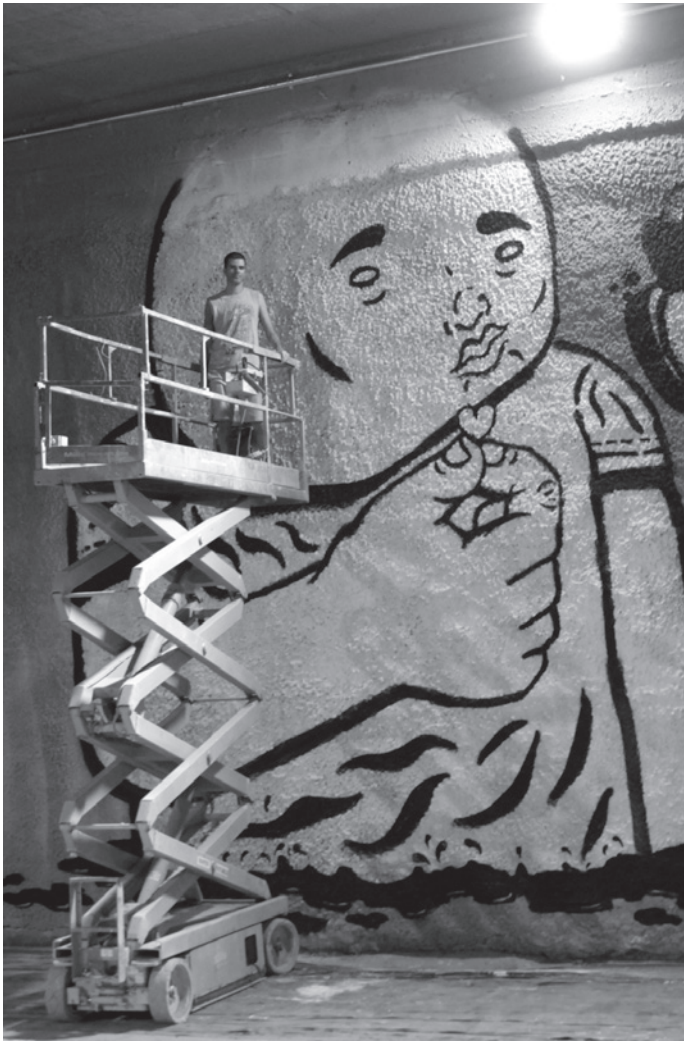
Grafitness

Uma das perguntas que eu mais ouço é: *Quanto tempo você levou para fazer isso?* Eu gastei aproximadamente dez horas corridas para realizar o graffiti da página seguinte. No dia em que eu o fiz, fiquei refletindo sobre isso. Às vezes levo meses para pintar uma tela ou desenhar no papel e algumas horas para fazer um graffiti imenso. São duas coisas diferentes. Em alguns graffitis mais detalhados, demoro alguns dias – mas sempre infinitamente menos do que gasto para pintar uma tela ou desenhar com detalhes no papel.

Fazer um graffiti é algo extremamente corporal. Aquela dorzinha muscular que sentimos após realizar exercícios físicos sempre me acompanha no final da pintura de um painel grande. Alguns amigos brincam que fazemos *grafitness*. Durante uma pintura, costuma-se entrar em tamanha imersão que se não tomarmos cuidado, deixamos de comer, beber água e passar protetor solar, cuidados mínimos de quem pinta ao ar livre.

No graffiti da página seguinte, que foi feito em uma trincheira em Contagem, tive a ajuda do tratorzinho que subia e descia a plataforma. Com escada é bem diferente, haja perna. Mesmo quando o graffiti é relativamente baixo e alcanço as partes

mais altas estendendo os braços, a repetição dos movimentos *esquerda*, *direita*, *alto* e *baixo* é exaustiva. O mais interessante é que quando estou pintando, não sinto. Vou avançando de etapa em etapa, de detalhe em detalhe até considerar que o trabalho está acabado. Geralmente sei mais ou menos quanto tempo levo para cada etapa – calculo sempre um tempo superestimado para os acabamentos. Sobre como conseguimos pintar tão rápido, volta e meia eu me respondo que acho que tem um tipo de inteligência que é do corpo. Ele sabe.



O LADRÃO DE RODAS

Isto é olho seco

Não só a música, mas também alguns movimentos da juventude urbana tiveram grande influência na minha formação (ou deformação). Na adolescência tive contato com bandas punks brasileiras: *Olho Seco*, *Cólera*, *Ratos de Porão* e muitas outras. Acho que o sentimento de revolta e as letras cruas me ajudaram a relacionar com mais intensidade com as contradições da vida urbana.

Ainda hoje sinto que os poucos acordes e as asperezas das letras punk acabam por traduzir muito do sentimento de injustiça social, sujeira e vazio que percebo nos sintomas da miséria explicitada nas ruas. A guitarra distorcida e a bateria socada dariam mais conta de falar disso do que este texto.

Por um lado, se a sensação de obsolescência das instituições traz um sentimento de desamparo, por outro faz buscar a energia necessária para perseguir a máxima *Faça você mesmo*. Devemos muito aos punks e aos movimentos urbanos. Hip hop, skate, punk e outros agrupamentos são muito mais do que reflexos colaterais da indústria cultural. Penso que são formas de resistência, de troca, de socialibilidade, de vencer o tédio e de viver na cidade de forma mais livre e criativa.

Fiz o graffiti da página anterior em um dia no qual estava refletindo sobre essas coisas. Lembrei também de bandas mineiras como *Ataque Epiléptico*, *Nada* e *Amusia*. Mudei desse rascunho para a versão da parede para deixar a mensagem mais abrangente. Tirei o nome da camisa e usei preto e branco sobre o muro cinza. Meses depois, recebi a foto da página seguinte, feita pelo amigo Thiago Alvim.

HO
ETC
NAN
Soy

A primeira é minha!

Eu tinha me esquecido completamente desse caso, acontecido há mais de uma década, até que, outro dia, encontrei com o Xerel e ele me lembrou da história. À medida que ele ia contando, fui recordando e rindo. Estávamos eu, o Xerel, o Cão, o Aiala e o Stick, pintando em uma área privada, e não tínhamos autorização – na época eu era mais corajoso que hoje. Passaram alguns pedestres e deram o toque para tomarmos cuidado, pois alguns seguranças, de moto, vinham atrás da gente. Quando olhamos, os motoqueiros já estavam bem perto. Em frações de segundo, cada um de nós saiu correndo para um lado – no estresse a gente só lembrava que tinha pernas para correr –, e sumimos, nos espalhamos em direções diferentes sem olhar para trás.

Algum tempo depois, fomos chegando em um lugar onde provavelmente todos nós passaríamos quando estivéssemos indo embora: uma rua que era um dos poucos caminhos de acesso para a região de onde tínhamos vindo. Chegou o primeiro, o segundo, o terceiro. Papo vem e papo vai, chegou o quarto envolvido na bagunça. Faltava o quinto, o Stick. *Será que ele foi pego?* Mil coisas passaram pelas nossas cabeças e já estávamos decidindo voltar para buscá-lo.

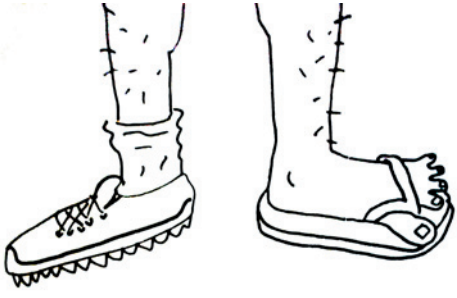
Algum de nós percebeu, pelo caminhar característico, que ele vinha ao longe. Chegou sorrindo, tranquilão, e foi dando logo a explicação para o motivo da demora.

No meio da confusão, resolveu correr em uma direção oposta à nossa. Teve que atravessar um campinho de futebol onde tinha um pessoal jogando uma pelada. Viu que os seguranças estavam um pouco distantes, tirou a camisa, entrou no campo e começou a jogar sem avisar a ninguém. Ficou correndo no campo, gritando para que os outros jogadores passassem a bola para ele ou fizessem o gol: *Passa pra mim! Pega! Chuta! Marca! Vaaaaai!* Ele quase achou que estava realmente jogando bola, e não fingindo.

Os seguranças passaram pelo campinho e não o viram, pois estava camuflado como jogador de futebol. Ele continuou jogando até alguém descobrir que havia um jogador a mais em um dos times. Quando os peladeiros perguntaram quem era ele, a resposta veio de pronto:

– Foi mal, pessoal, achei que a primeira era minha. Eu tava na de fora.

Pediu desculpas e saiu de fininho.



Eles estão chegando

Brasília é o paraíso dos muros. Fui pintar em Brasília por intermédio de um amigo que me convidou e me recebeu na casa dele. No meio do graffiti, o CouchSurfing já rolava sem internet naquelas épocas. Eu recebia amigos em BH e ia encher o saco deles lá nas terras em que eles moravam.

Quando cheguei, após doze horas de ônibus em uma estrada plana e sem curvas, fui direto pintar um painel com os brasilienses. A empolgação era tanta que no dia seguinte, mesmo estando exausto e não podendo ser acompanhado pelo amigo, saí para pintar sozinho. Anotei algumas letras e números num papel, que eram o meu endereço para voltar para casa, e fui caçar um muro. SQN ou SQS* qualquer coisa: se eu perdesse o papel estava ferrado – lá tudo era muito semelhante. Depois de andar algumas quadras vi um muro perfeito para um painel e pedi autorização ao proprietário. Ele foi muito simpático e avisou que eu podia grafitar numa boa, mas que ele estava de saída. Falou que o filho estava em casa, mas que não me incomodaria. Achei normal e comecei a pintar.

Pouco tempo depois apareceu um rapaz de uns trinta anos e me avisou: *Eu já chamei e eles estão*

chegando. Eles estão chegando. Perguntei quem eram eles e ele respondeu que era a polícia. Expliquei que o painel estava autorizado. Ele nem titubeou: *A polícia está chegando*. Eu fiquei sem saber se terminava o muro ou saía correndo. Por via das dúvidas, era bom não contar com o humor do policial ou com o acordo verbal feito com o proprietário que estava ausente. No fundo eu ainda tinha a esperança de que o dono da casa voltasse logo. Só entendi que o rapaz era o filho do dono no meio da explicação confusa que ele me deu. Só entendi isso e que a polícia estava chegando. Era o suficiente para ficar preocupado e querer ir embora o mais rápido possível.

Perguntei o que ele queria dizer com "polícia" (não sabia como era a polícia no Distrito Federal – se seria polícia federal ou se existia uma distrital), o que no fundo foi uma pergunta meramente retórica. Ele começou a explicar:

– Chamei a polícia e eles estão vindo, fecharam as fronteiras; os tanques, porta-aviões e helicópteros também estão por aqui, com o exército.

Puxei mais um papo e até naves espaciais entraram na história. Puro delírio. Pronto, percebi que o rapaz

tinha algum tipo de psicose e estava, de fato, alucinando. Entendi, de quebra, o que o pai dele quis dizer com "ele não vai te incomodar". Continuei prestando atenção enquanto o rapaz narrava uma epopeia sem fim, misturando todos os tipos de batalha de ontem e de hoje, tendo como cenário a cidade de Brasília. Paralelamente à narração, fui terminando rapidinho o graffiti. Enquanto juntava o material para ir embora, arrisquei mais uma pergunta:

– Essa história de polícia num tem não, né?

– Tem sim. Polícia, exército, marinha e aeronáutica. A cavalaria, os tanques, e a fronteira está fechada.

E começou a contar tudo de novo em outra versão mais surpreendente ainda. Me despedi e dei no pé. Vai que eles chegavam mesmo.

** Siglas são símbolos mais visíveis e úteis da extrema (e às vezes irritante) racionalidade de BSB, ela mesma uma sigla. No início todos estranham, mas aos poucos as pronunciamos mesmo sem sabermos sua localização ou o que significam. Vou tentar explicar: S é Setor, mas pode ser Sul, Sudoeste ou Samambaia. Q normalmente é Quadra, às vezes é só Q mesmo. N é norte. Ou nada. C às vezes é Coletivo, Clube ou apenas Confuso. SH pode ser Setor de Hotéis, Setor Hospitalar ou ainda Setor de Habitações. SA pode ser Setor de Abastecimento, Setor de Autarquias ou Setor Administrativo. Setor Amoroso não existe, ainda. Não se esqueça das SQD – Siglas que Desorientam. EP significa Estrada Parque, mas se você se perder quer dizer "Esqueci de Perguntar".*

Nicolas Behr, 2014

30
MINUTOS
GRÁTIS*

saio de casa e entro no labirinto

eu
RESPEITO
tu
RESPEITAS
ele
RESPEITA
nos
RESPEITAMOS
vos
RESPEITAIS
eles
RESPEITAM O
DUELO DE MCS

Duelo de MC´s

Lembro de uma das primeiras vezes em que vi o viaduto de Santa Tereza ter sido usado pelo hip hop. Eu andava de skate por ali e conhecia alguns *b. boys*. Eles costumavam ensaiar lá e resolveram fazer um pequeno evento. Alugaram um equipamento simples, uma caixa de som e um microfone. A zebra: ligaram equipamentos de 110 voltz em uma tomada de 220 voltz. Equipamentos queimados, evento cancelado. Prejuízo. Todos voltaram tristes para casa. Fim da história.

Poucos anos depois soube, com entusiasmo, que um pessoal estava usando o espaço para fazer duelos de rima e improvisação no rap. Batizaram o evento de *Duelo de MC´s*. Alguns já eram amigos meus e fui conhecendo os outros aos poucos. Virei fã desse encontro que em poucos anos contou com um salto de um público de dezenas para milhares de pessoas. Um projeto feito totalmente na garra por uma dúzia de jovens obstinados. Lembro de um dos integrantes se justificando bem no início do projeto: *Eu só quero fazer algo para as pessoas*.

Em dois momentos tive contatos muito próximos com o Duelo, além de fazer parte do público cativo. O primeiro foi quando me convidaram para fazer

um desenho para a camiseta que seria vendida para ajudar com os custos da realização do evento. Tinham ganhado as camisetas de um apoiador e precisavam de um desenho. Aceitei, fiquei imensamente feliz. As camisetas foram produzidas, e com a receita das vendas, eles conseguiram realizar o Duelo de MC´s Nacional (encontro de rimadores de diferentes estados brasileiros que aconteceu embaixo do viaduto de Santa Tereza). O segundo foi o convite que recebi para fazer a pintura ao vivo na final do Duelo de MC´s Nacional de um dos anos seguintes – que também aconteceu ali debaixo do viaduto, com público estimado de cinco mil pessoas.

Sempre que posso gosto de repetir que o hip hop cumpre uma função social muito importante. A escassez de investimento na juventude, sobretudo de periferia, faz com que muitos jovens encontrem no hip hop um canal de acesso para se expressar. Por meio do rap, que originalmente quer dizer *ritmo e poesia*, surge um interesse pela literatura que parte da escrita de suas letras.

O rap leva também à prática musical. Proliferam nas periferias os estúdios domésticos, com um computador e equipamentos básicos de gravação. Com a dança de rua, muitos jovens se aproximam da dança e costumam ter uma rotina de ensaios e apresentações.

Grafitando, muitos que gostam de desenho, mas sempre consideraram o universo da arte algo extremamente distante e inacessível, têm a possibilidade de propagar as suas imagens – sejam elas letras, personagens ou formas abstratas.

O Duelo de MC´s se tornou um dos maiores eventos mineiros da cultura hip hop. Além da batalha de rimas improvisadas, eles recebem apresentações de dança e sempre convidam grafiteiros para pintar ao vivo. Tudo acontece praticamente sem apoio institucional e, muitas vezes, até contra a vontade das autoridades locais – que tendem a querer gerar receita com os eventos públicos, algo que se torna menos viável nesse tipo de encontro de cunho meramente social, voltado para a periferia, e que busca ser o mais acessível possível.

GOOD PRICE
calçados

Teatrinho

Fui pintar em um muro próximo ao viaduto da Lagoinha, perto da Praça dos Peixes, na subida para o bairro Bonfim. Era uma zona boêmia e com muitos moradores de rua. Depois de uma hora que eu estava pintando, ouço um grito: *Aêeee, guerreiro!* Olho para trás e vejo umas vinte pessoas sentadas na calçada assistindo à minha pintura: homens, mulheres e crianças – algumas pareciam morar na rua e outras possivelmente em casas das redondezas. Alguns bebiam cachaça, outros cheiravam tíner e outros apenas olhavam, com mãos vazias. Fiquei feliz com a plateia, mesmo me sentindo meio sem graça, como um ator de um monólogo desajeitado. Dei um joia, virei novamente para o muro e continuei pintando.

Em um momento, uma senhora quase idosa, de minissaia curtíssima e botas longas, se aproximou de mim.

– Menino, venha pintar lá em casa e depois você dorme comigo! – Propôs.

Achei engraçada e inusitada a oferta, mas educadamente recusei. Continuei pintando o muro e ouvindo o murmurinho vindo da plateia. De vez em

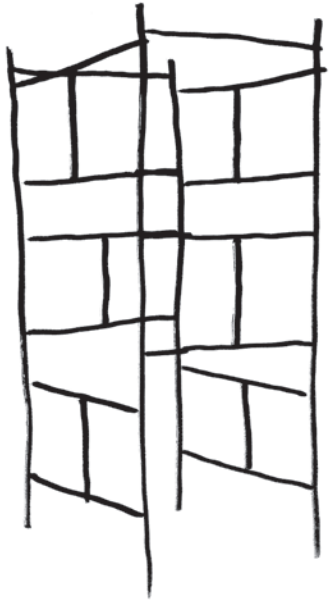
quando alguém inventava um nome ou apelido para o personagem que eu estava desenhando e o gritava lá de longe – provavelmente esperando que eu confirmasse. Às vezes eu dava um aceno concordando e continuava pintando. Entre eles rolavam até umas apostas, sem dinheiro, para que acertassem o nome do boneco, que, no fundo, nunca existiu. Uns iam embora e outros chegavam. Os espectadores estiveram presentes durante as quatro horas que levei para pintar o painel. No cair da tarde juntei meu material e fui embora sob a salva de palmas do meu público animado e divertido.

Fiquei refletindo sobre os sentidos do que eu fazia. Na época eu tinha vinte e poucos anos, sentia um misto de fascínio e assombro pelas ruas. Fascínio pelos seus personagens e pela infinidade de histórias que elas me traziam. Nunca fui afeito a passar os finais de semana assistindo à televisão ou batendo papo no boteco – gostava de circular pela cidade: a pé, de skate, de bike ou fazendo graffiti, o que eu queria era ver o que estava acontecendo em algum lugar que eu não conhecia. O assombro se deve ao fato de que é difícil lidar com as contradições que as ruas apresentam – não tem edição, não tem vinheta e nem trilha sonora dramática. É tudo absolutamente cru. Até teorizar fica difícil. Restam o fascínio, o assombro e essa estranha vontade de estar

em contato com a cidade. Tenho a intuição de que a importância que esse contato tem para mim reside exatamente nas pessoas. Aprendo com elas, aprendo por causa delas e continuo a me perder na montoeira de sentimentos que restam depois de cada empreitada desse tipo.

As ruas têm códigos, condutas, humores e jeitos que eu nunca aprendi. Para muitos sou um cara qualquer, que saiu de algum apartamento e foi viver uma experiência fora de casa. Também, por vezes, me enxergo assim.

Tudo é muito grande, dos acordos silenciosos entre políticos e empreiteiros que fazem surgir um viaduto em um lugar qualquer, a um gesto de afeto de alguém, embaixo de um mesmo viaduto, que nem chega a entrar nas estatísticas.



Andaime

Tenho medo de altura. Aprendi a lidar com isso. Não que a altura me paralise ou me impeça de fazer alguma coisa, talvez atrapalhe para fazer alpinismo ou bungee jump – mas consigo viver sem essas atividades. Assumo a máxima de livro de autoajuda: "e se der medo, vá com medo mesmo". Entretanto, redobro a segurança.

Fui subindo gradualmente. Nos primeiros graffitis usava escadas domésticas, depois evoluí para a escada de seis metros, antes de perceber o que estava fazendo. Ao subir no último degrau, tremia dos pés à cabeça, mas fui me acostumando. Já caminhei sobre marquises, mas sempre achava que tremiam demais (ou era eu). Minha estreia com um andaime aconteceu em um festival de graffiti em São Paulo. Cheguei e ele já estava devidamente montado, em uma calçada plana e com todas as peças encaixadas. Apesar de atrapalhar um pouco a visão, achei uma maravilha – muito melhor que escada.

Montar um andaime é outra história. A primeira vez que participei da montagem de um, achei a coisa mais esdrúxula do mundo. Peças empenadas, partes que só encaixavam na porrada e aquele rangido de porta de castelo mal-assombrado ao ajustar os pedaços, para não falar nos calços. Peguei uma calçada desnivelada,

esburacada e levemente inclinada. Embaixo de um pé do andaime foi preciso usar umas cinco tábuas de madeira, no outro três, e no outro um toco e meio. Era até bonito de ver, parecia aquele brinquedinho de madeira de montar que antecedia o Lego. Você está na última plataforma trabalhando e, sem querer, lembra da imagem dos toquinhos empilhados lá embaixo sustentando toda a estrutura e você. No fundo eu sabia que era assim mesmo, mas a imagem dos toquinhos empilhados não saía da cabeça.

Com o tempo lá em cima a gente vai se acostumando e até relaxa, solta umas piadas e ri da situação. Depois lembra dos toquinhos de madeira sustentando tudo. É preciso respirar e esperar até estabilizar a emoção antes de continuar. A mão não pode tremer, o traço tem que sair reto.

Ver uma pessoa experiente montando um andaime é intrigante. Aquilo ali tem uma organização e uma destreza que não é tão simples assim. O raciocínio é até fácil: uma haste vertical, uma tesoura (haste em xis), uma horizontal, a plataforma e pronto. Agora vai lá e faz. Aí entram o desnível da calçada, os fios de alta tensão que passam perto, as peças que chegaram empenadas, a ferrugem. Um encaixe mal feito lá embaixo vai avacalhando tudo até lá em cima – tem

que desmontar tudinho e refazer. No final você vai lá, faz o graffiti e fica bonito na foto. Dá até para disfarçar a vertigem na hora do clique.

Eu precisava dedicar essas palavras aos montadores de andaime e aos trabalhadores que ralam subindo e descendo com material de construção nessas estruturas malucas. Uma vez ou outra preciso me deparar com uma dessas para grafitar, encaro o desafio e saio relativamente bem. Subir nelas diariamente são outros quinhentos. Sempre passo pelas obras e reparo um capacetezinho lá no último andar do andaime, visivelmente minúsculo aqui de baixo.

PARE
Revoluç

REFORMA

Desenho e café

Gosto de rascunhar em lugares onde eu possa ver o movimento das pessoas. Isso diminui um pouco o isolamento do ateliê e faz com que seja possível aproveitar brechas de horários no cotidiano para desenhar. Ando sempre com um caderninho, de bolso ou do tamanho padrão de um livro, e uma caneta. A minha primeira opção é sentar em um café*. Procuro uma mesa mais isolada que dê para enxergar o ambiente. Se tiver janela ou sacada é melhor ainda.

Uma espécie de ritual sempre se repete: abro o caderno, peço um café e fico olhando para a folha em branco enquanto o pedido chega. Depois do primeiro gole, começo a rabiscar alguma coisa. Umas vezes o desenho fica legal e outras fica uma porcaria. Considero esses rascunhos que não deram certo extremamente importantes. Muitas vezes o que eu poderia entender como um deslize no traço, como uma proporção errada, acaba apontando para alguma possível experimentação que eu posso fazer a partir do

* Arcângelo Café, Café Biografias, Café do Cento e Quatro, Dois Irmãos, Kahlúa, Café Palhares, Quixote, Sou Café, Tabacaria Sabiá, Travessa, Três Corações e cafés de padarias espalhadas pelos bairros da cidade.

suposto “erro”. Mudanças de estilo ou elementos que foram incorporados ao meu repertório surgiram assim, de um traço desengonçado.

Um dado que acho interessante é a quantidade de garçons que são alunos em escola de arte. Geralmente quando me veem desenhando, se aproximam e demonstram interesse. Apesar da minha timidez, eu adoro esse tipo de interação. Procuro conversar da forma mais aberta possível, sem parar de desenhar enquanto falo. Acho café e desenho uma combinação perfeita. Geralmente tento conciliar o tempo de conseguir terminar o desenho sem deixar o café esfriar.

É EXPRESSAMENTE PROIBIDO
DISCUTIR POLÍTICA RELIGIÃO E FUTEBOL
NAS DEPENDÊNCIAS DO BAR
FUMAR NA PISTA DE DANÇA OU
DANÇAR FUMANDO; PARAR NO MEIO
DA PISTA; DANÇAR MULHER COM MULHER
ENTRAR DE CALÇÃO OU SEM CAMISA.
A DIREÇÃO

Cracolândia

Fui convidado para pintar em um evento de graffiti no entorno do conjunto IAPI. Entre os muros dos edifícios e a rua que dá acesso ao Hospital Odilon Behrens tem uma área que recebe o nome de cracolândia. Frequentei muito esse hospital quando era criança e as ruas eram outras. Quando ia dar pontos em algum corte ou consultar sobre um problema de saúde, passava por ali. Voltar naquela rua e passar dois dias pintando ao ar livre lá foi muito marcante.

Cheguei cedo pela manhã e imaginei, pela sujeira na calçada, que a noite tinha sido agitada. Pouco tempo depois começaram a aparecer os usuários diurnos – acho que na verdade dia e noite se fundiam na cracolândia. Primeiro surgiram uns vultos, que de longe pareciam zumbis vagando com seus mantos de cobertores encardidos. Vi mais de perto e percebi a fragilidade humana frente à química barata. Havia algo como uma vala espiritual em meio àqueles escombros. Carcaças de caminhões, terrenos baldios e o lixo espalhado conviviam com a saída do hospital, com a porta da escola pública e com o imenso conjunto habitacional.

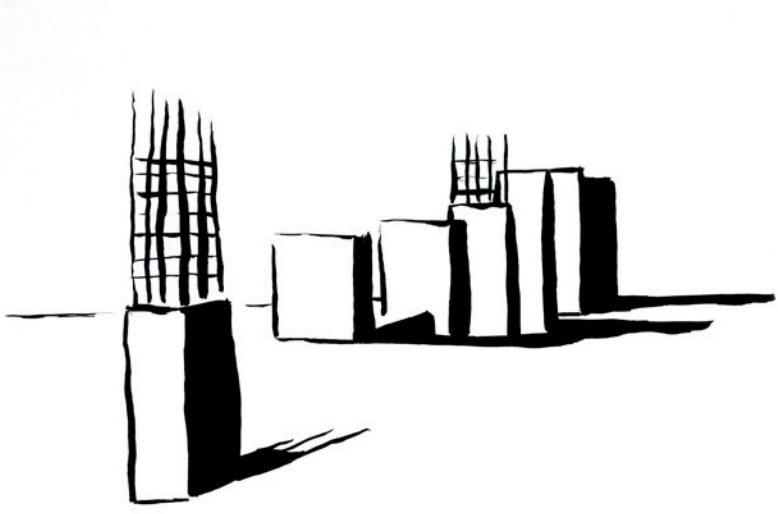
As igrejas evangélicas e católicas, o terreiro de umbanda, a delegacia de polícia, o pronto-socorro e os

turistas que iam e vinham da Pampulha pela avenida, ninguém parecia conseguir, assim como eu, dar conta de olhar para a epidemia. Só de olhar machucava e roubava a energia. E foi isso que senti naqueles dias pintando ali, lado a lado com a biqueira e seus resquícios, sem nunca me esquecer que eram pessoas, muitas e muitas pessoas. Usuários de crack*, mas sobretudo pessoas.

Algumas vezes recebo críticas e me perguntam por que faço tantos desenhos "bonitinhos" quando pinto na rua. Acho que tem a ver com uma tentativa de levar um pouco de afeto e acolhimento, se não para as pessoas, pelo menos para mim mesmo.

* Um amigo que trabalha com redução de danos uma vez me disse: *Você pode ir onde quiser, mas nunca esqueça o que foi fazer lá*. Tenho muito respeito pelos usuários e pelos profissionais que atuam nessas ruas.

tinge os cabelos e espera do céu apenas azul e nuvens



Desenho, ofício e orifício

Procuro em meu trabalho a simplicidade de um ofício diário. Quando me perguntam qual é a minha profissão, a resposta invariavelmente é: desenhista. Considero o desenho a interseção entre diversas atividades: ilustrador, grafiteiro, professor. Mas o desenho para mim é muito mais que uma profissão, é o buraco por onde consigo olhar o mundo com uma certa segurança para não me perder. Ou com a insegurança saudável de não definir, não encerrar, não ser assertivo.

Perguntam-me se sou artista. Pode ser. Assim como um músico é tratado como músico, um ator como ator e um escritor como escritor, prefiro me ver como um desenhista. Obviamente não sou apenas isso, mas gosto de estar associado a essa atividade. Por vezes a palavra *arte* vem carregada de uma densidade e pressão conceitual que preciso desmembrar e entender com cuidado. Sou, então, sobretudo, um desenhista. Quase todos os dias eu desenho.

Minhas influências estão situadas em um limbo maravilhoso no qual circulam quadrinistas, tatuadores, escritores, cineastas, músicos e pessoas do dia a dia da cidade em uma mesma massa amorfa em que se situam alguns renomados artistas visuais. Adoro

ir a museus, assim como considero importantíssimo perambular pelas ruas do centro da cidade ou andar de ônibus. Entrego-me em performances, instalações, vídeo-artes e tudo que existe de contemporâneo, mas não dispenso músico com teclado Yamaha em pizzaria. Adoro interdisciplinaridade, mas me vejo, ainda assim, como desenhista.

Gosto de enxergar o meu desenho como um meio para uma aproximação. Também como um convite para pensar e viver de forma mais criativa. Como um estímulo aos melhores usos dos potenciais de vida. Como encontro e deslocamento.

Desenhando fui lidando com a solidão e estabelecendo vínculo com pessoas. O desenho me faz aprender mais sobre mim, sobre os outros, e ajuda a refinar o meu olhar para o mundo. Entendo que o ato de desenhar tem mais a ver com o olho do que com a mão que movimenta o lápis. O olhar não é passivo, ele está entre o pensamento e o coração. Olhar recebe e ao mesmo tempo projeta. O olho é um dos orifícios por onde atravesso a mim mesmo.

Vivo, sobrevivo, existo e pago minhas contas com o desenho. A aridez das questões práticas da vida coincide com a transcendência a partir da ponta do lápis. E esse é um equilíbrio extremamente delicado:

ter algo tão precioso e tão ordinário como ofício. É preciso cuidar para que o orifício não feche, que o olhar não seque e que eu continue vivo enquanto a vida não parar. Meu desenho é uma repetição, quase ritualística, que me coloca em lugares novos. Tem a ver com a liturgia dos mais banais atos cotidianos. Diz-me da grandeza de tudo o que há de mais corriqueiro. Conforta e dá vazão aos meus inconformismos, trafega pelos contraditórios sem nunca conciliar.

52

Crianças cansadas

Nos personagens que eu desenho percebo uma influência muito grande dos anônimos que observo todos os dias nas ruas. Geralmente quando vejo uma pessoa fico imaginando as histórias de vida que ela carrega em suas expressões. Um pensamento recorrente é que, como eu, ela deixará de existir um dia; que cada troca de olhares ou a observação rápida de alguém em uma situação trivial tem algo de único, traz algo da força e do mistério de estar vivo e da lida com o cotidiano ordinário. Acho que a confluência dessas duas dimensões, uma prática e outra existencial, acaba refletindo no tipo de desenho que eu faço. Sinto que meus personagens parecem crianças cansadas. Eles têm uma leveza quase ingênua, mas no olhar uma expressão exausta.

Quando eu pinto nas ruas, tomo o cuidado de trazer um sentimento de acolhimento para as pessoas. Não a alegria vazia e pouco reflexiva das imagens publicitárias, mas algo que não torne ainda mais estressantes e opressoras as suas vidas na cidade. Penso que o espaço urbano (além de alguns lugares muito específicos, calculadamente agradáveis e higienizados) trata muito mal os seus habitantes. Uma volta no baixo centro, nos bairros periféricos ou nos corredores ao

longo de indústrias e fundos de galpões vai servir para ilustrar o que digo. Basta uma espiadinha embaixo de viadutos, nos hospitais públicos, nos pontos de ônibus e nos locais por onde trafega a grande maioria da população. Tenho nitidamente a impressão de que a cidade trata as pessoas muito mal. A cidade não dá conta da cidade.

Voltando mais especificamente aos meus personagens, lembro de uma frase do escritor argelino Albert Camus que dizia que estamos "sob o sol e sobre a história". *Sob o sol* faz referência à imensidão, ao intangível e à imaginação. *Sobre a história* diz do palpável, dos feitos humanos, das suas vitórias e misérias.

Do ponto de vista dos mistérios, estamos praticamente no mesmo lugar que uma criança. Apesar dos avanços da linguagem, muito pouco sabemos sobre as mais profundas questões existenciais. Existem diversas abordagens: científicas, filosóficas, religiosas (com o respeito que tenho a cada uma delas), mas algumas questões parecem ainda indecifráveis.

Nossa ingenuidade talvez tenha a ver com os limites da linguagem, com nossos próprios limites, com nossas necessidades e dificuldades. O cansaço tem a ver com a lida diária, com a rotina nas cidades. O sujeito urbano me parece carregar um cansaço acumulado, seja pelo

excesso de esforço físico nas atividades cotidianas ou pelo fluxo irrefreável de pensamentos. Uma vez me perguntaram sobre os meus personagens, e na resposta surgiu a expressão "crianças cansadas". Eu não gostaria de limitar a isso, é apenas uma possível leitura.

uma fatia do que bate é bife

bra

Fazer graffiti nas ruas do Brasil

Volta e meia me espanto com o fato de viver em um dos países com maior desigualdade social do mundo. Há poucos anos o Brasil era o vice-líder do *ranking* mundial de desigualdade social. Em um estudo de 2015, ele tinha passado do segundo para o décimo lugar – segundo dados do Banco Mundial (Bird). Pensando que para a ONU existem 193 países reconhecidos, podemos dizer que são 183 países menos desiguais que o Brasil. Talvez muitos sejam mais pobres como um todo, mas menos desiguais. E a desigualdade é um tipo de violência muito peculiar.

Acredito que um dos motivos da minha opção pelo graffiti tem a ver com isso. Tanto pelo fato de me sentir extremamente incomodado com a desigualdade, que chega ao inadmissível, quanto pela lacuna que vejo em relação ao acesso às produções culturais em boa parte da cidade. Circulando pelas mais diversas regiões como grafiteiro e professor de desenho, percebo uma enorme carência de espaços e instrumentos mais adequados para que os jovens deem vazão às suas expressividades. Há uma energia absurda e mal aproveitada. Existe muita força, criatividade e potência no que eles fazem, e o investimento é proporcionalmente ínfimo. Percebo

uma enorme gramática de sentimentos, emoções e experiências que acaba se perdendo no cotidiano violento ou nas demandas por consumo imediato, cujos jovens são o alvo preferencial.

Nas ruas interajo com muita gente que admira e apoia o meu trabalho: de moradores de rua que conversam comigo e me dão dicas de lugares novos para grafitar aos vizinhos que saem do sacolão e vêm tentar entender mais sobre o que estou fazendo.

Sinto a necessidade de não deixar que o meu trabalho caia em uma espécie de banalização com a qual, muitas vezes, vejo o graffiti ser tratado e, ao mesmo tempo, procuro aproveitar as oportunidades de acesso que ele me permite. É preciso operar cotidianamente por meio de um tipo de informação mais poética, mais lacunar e menos literal. Considero que é importante incentivar para que as pessoas se expressem e contem suas histórias – que os pequenos relatos façam contrapontos às histórias oficiais.

Pintar nas cidades tem a ver com uma tentativa, mesmo que quixotesca, de enfrentamento da desigualdade, com uma busca por lidar com as áreas esquecidas e com um apelo para que as pessoas usem os espaços públicos como locais de convívio, de troca e de aprendizado por meio das diferenças. É quase um grito

sem voz para que o discurso da violência urbana e das comodidades domésticas não afastem as pessoas umas das outras. E nisso me incluo, é uma estratégia da qual lanço mão para continuar ativo, circulando e não me entregando facilmente à maciez de um sofá e à facilidade de edição de conteúdos de um controle remoto de televisão (ou mesmo não me encerre no simples curtir e compartilhar na internet). As contradições das ruas brasileiras doem, mas são um embate inevitável para nos mantermos vivos e pensantes.

Foi muito difícil conseguir um registro do graffiti acima. Após ter pesquisado exaustivamente, descobri, com um amigo do grafiteiro que o realizou, uma foto com impressão em baixa qualidade – optamos por não abrir mão de utilizá-la na publicação.

Simples, então faça!

O primeiro graffiti que vi em Belo Horizonte, além dos stencils e pichações, foi o que tinha as inscrições do título deste texto: "Simples, então faça!". Ficava na escadaria do edifício Sulacap – em frente ao viaduto de Santa Tereza. O escrito "Simples" foi feito no estilo de letra característico do hip hop: colorido, geométrico e dando uma impressão de relevo. O texto "então faça!" vinha como uma espécie de subtítulo em letras menores. Ao lado havia o desenho de um robozinho meio futurista retrô. Fiquei fascinado. Era o início dos anos noventa. As duas coisas me marcaram muito na época: o graffiti em si e os dizeres. Nunca soube se era uma provocação ou um incentivo. Talvez os dois. Não entendia se era algo do tipo "Achou simples? Vai lá e faz!" ou se era um toque "É simples, experimente fazer".

De qualquer forma, optei pelo segundo sentido. A partir desse contato fui gradualmente me envolvendo mais com o graffiti. Até hoje quando me perguntam como se começa a grafitar, logo me vem a frase: *É bem simples, só fazer*. Depois conheci algumas das pessoas envolvidas no contexto desse desenho feito há vinte e cinco anos. Acho que eles não sabem da importância dele para mim. Enfim, continuei fazendo.

Desenho para não desenhistas

Dei aula de desenho durante quase uma década, e com as observações que tive em sala de aula (associadas a algumas leituras) percebi uma demanda pelo ensino de desenho de forma mais ampla e mais acessível. Como consequência, criei a oficina "Desenho para não desenhistas".

O que defendo é que existe uma lacuna na educação "formal" (fora das escolas de arte e afins) quanto ao ensino do desenho. Ele é importante como expressão artística, mas também como uma forma de organizar ideias e de se comunicar visualmente/espacialmente. Deveria ser uma habilidade desenvolvida para o uso cotidiano, como a língua portuguesa e a matemática: todos têm direito e conseguem. A diferença é que no processo de aprendizado existe uma cobrança e um mito sobre o desenho que geram bloqueios. Ninguém compara quem aprende matemática para o uso cotidiano com um Albert Einstein ou alguém que aprende língua portuguesa com um Machado de Assis. No entanto, todos que passam pela escola aprendem a usar essas duas habilidades cotidianamente.

Com o desenho o processo tem sido diferente, ele acabou sendo entendido como algo acessível só

para quem tem algum tipo de "talento especial". Eu discordo disso, ele é uma habilidade importante para todos. Alguns vão optar por aprofundar e viver profissionalmente do desenho, mas todos podem desenvolver e usá-lo no dia a dia para os fins que acharem mais necessários.

Quando vemos um desenho pronto e finalizado, ele parece algo mágico – mas é só entender as etapas para desmistificar. E essa desmistificação favorece também a apreciação (até em outras vertentes expressivas em que o traço não esteja nitidamente presente). É tipo abrir a caixa preta e, consequentemente, descobrir o prazer da prática e da apreciação.

O Cão Malote

Amarraram um cachorro a um malote de banco, daqueles que os gerentes usam para despachar dinheiro e documentos importantes. O cão ficou ali na calçada preso à bolsa de lona com um pote de comida e um de água. Os primeiros pedestres que iam passando se assustavam com o animal, que rosnava para qualquer um que se aproximasse. Alguns desavisados, não o percebendo ali, davam um salto para trás com o latido rouco. Era preto como um vulto e tinha o focinho fino e alongado. Um misto de pastor alemão capa-preta e algum vira-lata.

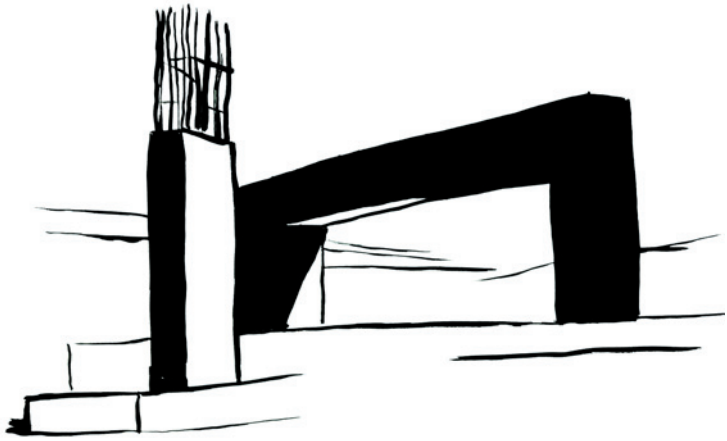
Um pedestre teve a ideia de ligar para a rádio-patrulha. Logo chegaram duas viaturas e uma moto. Causaram estardalhaço: sirenes ligadas, escopetas e cassetetes em punho. Àquela altura, os curiosos eram muitos. Formavam um semicírculo observando a confusão a uma distância segura. Como em qualquer aglomeração popular, sempre aparece o tipo valente: estufando o peito, bravejando umas bobagens e correndo ao primeiro sinal de perigo – mesmo que fosse apenas uma mudança de posição do cachorro. Volta e meia algum dos transeuntes fazia esse papel.

Os policiais resolveram agir. Sem conseguir alcançar o vira-lata, mas podendo ser atacados por ele, os

guardas optaram por chamar o corpo de bombeiros. Logo o caminhão vermelho veio se juntar às viaturas policiais. Os bombeiros foram mais preparados. Usaram capacetes com viseiras blindadas, luvas espessas e enforcadeiras com cabo longo.

Em minutos o cão estava acuado. Com o cachorro rendido, os policiais conseguiram se aproximar do malote. O grande momento chegava e os curiosos não aguentavam a ansiedade. Todos queriam descobrir o que tinha na bendita bolsa. Uma fortuna em dinheiro vivo ou documentos sigilosos da diretoria do banco? Ouvia-se uma espécie de bolão sem apostas, cada um tinha o seu palpite.

Os milésimos de segundos antes de os policiais abrirem o malote pareciam intermináveis. Em um só golpe ele foi aberto e seu conteúdo despejado na calçada: uma verdadeira chuva de papéis picados acontecia no meio metro que separava o malote do chão. O minicarnaval era formado por uma quantidade enorme de retalhos de rascunhos sem valor algum, exceto para algum catador de papel que deixou o seu fiel escudeiro protegendo o pequeno tesouro.



Pessoas que andam onde não anda ninguém

Naquele viaduto frio com marcas de pneus queimados, andam pessoas a pé. No escuro noturno de uma estrada deserta, silhuetas passam ao longe. No cenário árido de uma avenida incompleta, no beco sem cep, nos destroços do que costumamos chamar de cidade, multidões solitárias caminham em rotinas precárias. As ruas deixam rastros de outras cidades, não fora, mas dentro – tão em nosso íntimo que mal podemos imaginar. O asfalto procura esconder esses outros passos que caminham conosco, mesmo que pareçam passar ao longe.

Resta a solidão de nos chamarmos pelos nossos próprios nomes e apontarmos para tudo mais como vida alheia. Nós é que somos os alheios, perambulando, certeiros e resignados, por lugares onde não anda ninguém.

SANTOS I. GRONOMICO

Homenagem ao Homaley

Uma figura que marcou minha história até aqui foi o Homaley. Comecei a grafitar com ele e com o MTS. Homaley passou para o outro plano em 2002. Caiu de moto. Grande amigo, era grafiteiro dedicado e uma pessoa festiva. Alegrava qualquer ambiente.

Lembro de uma das nossas últimas conversas. Sentados em um degrau de um posto de gasolina, tomávamos uma cerveja e ele começou a falar do nada. Foi uma de suas últimas falas comigo.

Ele trabalhava como repositor de uma distribuidora de bebidas. Rodava a região metropolitana de Belo Horizonte diariamente fechando pedidos de bares, botecos e afins. Me olhou seriamente e falou que via muita miséria todo dia. Que várias pessoas eram amáveis, mas ao mesmo tempo extremamente sofridas. Que carregava um sentimento forte no coração, que tinha vontade de fazer algo por elas. De certa forma, achava que o fato de grafitar, nas horas em que não estava trabalhando com reposição de bebidas, era o que ele conseguia fazer pelas pessoas. Estava visivelmente emocionado ao falar. Lembro-me como se fosse ontem. Foi uma conversa informal, meio atravessada e muito intensa. No final, ele concluiu: *Eu grafito por amor às pessoas*. Aquilo me marcou muito.

Essa foi nossa penúltima conversa. A última foi por telefone, no dia fatídico. Marcamos de encontrar no show da banda de um amigo na praça de Santa Tereza. Depois do expediente ele estaria lá no horário combinado. Na época ninguém tinha celular. Fui para a praça no horário e lugar marcados. Ele não chegou. Caiu de moto ao voltar do trabalho. Guardo suas palavras da conversa no postinho como quem leva um amuleto.

Graffiti do Homaley com o MTS. O balãozinho "Olá Bin" foi feito pelo fato de que o muro era no meu trajeto diário. Fui descobrir este desenho pouco tempo depois que ele tinha falecido.

O GUINCHO GUINCHA O GUINCHO

Recompensa

Meses depois que eu tinha feito o graffiti ao lado, passei pela rua e vi a cena de uma criança brincando com o personagem. Parei e fiquei observando. A moça que estava com ele me viu olhando e, sem me conhecer, falou:

– Esse menino é doido com esse desenho!

– É mesmo?

– É sim! Todo dia, quando volta da aula, ele para e fica brincando com ele.

– Nó!!!! Fui eu que fiz...

Fui embora meio encabulado, disfarçando o orgulho, pisando torto e olhando para trás. O menino estava lá, todo distraído, conversando com o desenho.

PANELA DE
PRESSÃO ASJ
3.0 Lts / 4.5 Lts
29,90
ESCORREDOR
DE PRATOS
AÇO CROMADO
IRIL / ARAMINAS
19,90

Fiz este livro como quem faz um fanzine

A tarefa da escrita nunca me pareceu fácil. Para quem está acostumado a se comunicar por meio de imagens, escrever pode se tornar uma exposição excessiva. Na tentativa de resgatar memórias, me dediquei a uma tarefa desafiadora: contar histórias por meio do texto. Recortar lembranças de um acervo impalpável que oscila entre a imaginação e a memória me lembrou o meu antigo passatempo de construir fanzines.

No final dos anos noventa, publiquei o fanzine *Revés* (dedicado à arte de rua) em parceria com o artista urbano Xerel. Mesmo antes desse período eu já participava de circuitos de trocas de fanzines por correspondência. Antes da internet e dos blogs eles eram canais de compartilhamento, de amizade e de informação.

A ideia de fazer o livro surgiu a partir das histórias que fui colecionando ao longo de duas décadas na prática de desenhar pelas ruas. Fosse por meio do graffiti ou pelo hábito de rascunhar em lugares públicos, cafés, filas de espera de bancos, pontos de ônibus, o desenho sempre me pareceu uma forma de interagir com as mais diversas situações do cotidiano.

A fotografia, modalidade que também compõe este livro, me fascina como a possibilidade de um registro

instantâneo. Estar com a câmera na mão me levou a experimentar outras relações com os espaços. A simples intuição que muitas vezes me fez esperar numa esquina ou sacada de prédio me possibilitou presenciar cenas memoráveis. Passei a ter o hábito de ficar à espreita, parado em algum lugar com a câmera na mão sem saber o que poderia acontecer. Acredito que comecei a produzir imagens fotográficas pelo tédio, pelo amor e pelo ódio ao caos da cidade.

A ausência de cores nas imagens deste livro se deu por um fator bem óbvio: a necessidade de chegar em um orçamento que viabilizasse sua impressão.

Tentei traduzir para estas páginas um pouco da voracidade, da latência e do sentido de instabilidade que observo por aí. Busquei trazer um pouco da temperatura do asfalto, do cheiro das esquinas e da insalubridade do cinza. Parti de um impulso inicial sem saber onde chegaria. Queria contar algumas histórias misturando relato, poesia e ficção; escrita e imagem. A ideia de fazer um livro me assustava muito, fui vencendo o susto como venci o medo de altura. Guardei manuscritos na gaveta e vasculhei entulhos. Excomunguei meus textos, joguei fora e recomecei. Várias vezes me perdi e busquei ajuda. Por fim, imprimi, dobrei ao meio e despachei para longe. Agora o livro deixou de ser meu.

Voltei a checar a caixa de correios esperando respostas, exatamente como quem faz um fanzine.

ELGIN

Posfácio

Arqueologia, poema

Laura Cohen Rabelo

Quando estávamos fazendo a preparação dos textos deste livro, marquei uma reunião com o Binho no café Kahlúa. Cheguei e ele já estava lá, debruçado sobre o caderninho, desenhando em plena concentração. Fui cumprimentá-lo e ele disse, meio apressado, meio fissurado: *Espera um minutinho, tenho só que terminar isso aqui*. Estava copiando para o caderninho um desenho feito às pressas em um pedaço de papel branco com as bordas rasgadas. Rapidamente, terminou o serviço e levantou os olhos do caderno, todo feliz, e me mostrou o que tinha feito.

Era o desenho de um caminhão de guincho levando outro caminhão de guincho. Achei graça, mas não entendi. Então ele me contou uma cena que ele havia presenciado no dia anterior: passando na rua, encontrou um homem bem preocupado, às voltas com o pneu furado de um caminhão de guincho. O Binho disse, então, que tinha pensado em tirar uma foto, mas ficou com medo de deixar o sujeito chateado, daí resolveu fazer o desenho. Fez às pressas, provavelmente em

um papel qualquer que tinha à mão, para não perder a ideia imaginada, a solução ideal para o problema: o guincho guincha o guincho.

Conto essa pequena anedota a respeito do Binho por dois motivos. Primeiramente porque aquele gesto apressado de anotar uma ideia para não perdê-la é, na verdade, um lugar comum do escritor que eu vivencio com frequência, mas que eu jamais tinha visto acontecer com alguém que desenha – de alguma forma, o guincho guincha o guincho é uma narrativa. Em segundo lugar: acho que o episódio resume muito bem vários elementos do processo e da poética dele em *Perímetro urbano*: a rua, o cotidiano, o acidente, o acaso, o humor, a ternura, o respeito, a urgência, a fotografia, o desenho.

A ideia de fazer um livro sobre os seus trabalhos habitou a cabeça de Binho por muito tempo. Em janeiro do ano passado ele me mandou um e-mail falando que estava tentando um edital para fazer um livro no qual autores de Belo Horizonte (Renato Negrão, Flávia Péret, eu e uns tantos outros) escreveriam sobre os seus desenhos e grafites. Fico pensando: que bom que essa ideia deu errado – meses depois, o Binho estava fazendo uma oficina de escrita com a Flávia Péret e logo ele mesmo estava escrevendo as próprias histórias.

Escreveu, escreveu, releu, editou, reescreveu os textos (e as imagens!) que deram origem a este livro.

Há um verbo grego que acabo associando a esse processo: *gráphein*, que pode ter os significados tanto de escrever quanto de desenhar. Escrever, de alguma forma, é também desenhar letras, fazendo-se expressar por meio de um código. A própria fotografia, mais uma linguagem contida na narrativa, é uma forma de *gráphein*, em que se usa a luz (*phôs*, *photós*, luz, *graphé*, escrita, desenho). Escrevendo, desenhando, fotografando, pintando, Binho mostra que domina esses códigos de diversas formas, capaz de atuar na concisão e na complexidade da palavra e do risco. Passeando da pequena crônica de um caso engraçado, ele segue em direção à tragédia da vida; da biografia, faz um exercício de imaginação; do acontecimento corriqueiro, ele vai ao poema complexo; do lápis instantâneo sobre o papel, ele chega à demorada tinta na parede.

A relação palavra-imagem foi pensada com cautela, tanto que todo o livro foi escrito não usando o *Word* como programa de edição de textos, mas diretamente no *Indesign*, um programa de diagramação, em que Binho pensava cada página, combinando textos e imagens, testando, trocando, reorganizando até ter o livro

como ele queria – um *zine* amadurecido. A palavra e a imagem não dividem apenas as páginas, mas assim como as palavras carregam suas imagens, as imagens carregam suas palavras: um risco na parede, uma letra ora evidente, ora apagada, no registro narrativo da cidade. A fotografia também pode ser guiada pela escrita, como vemos na página 62: "cidade é no topo do prédio/ cidade é aqui embaixo", as frases provocam um deslocamento diferenciado do olhar sobre a imagem, levando a uma nova leitura.

Contar as histórias em torno de Belo Horizonte é algo generoso – enquanto a cidade ainda carrega o bairro e o espírito interiorano em muitos espaços, esta é uma cidade que cresce e brilha às vezes violentamente. Um microcosmo de delicadezas misturado ao macrocosmo selvagem de forma heterogênea: neste movimento, a memória parece engolir a si mesma, a não ser que se apresente uma resistência, e é na resistência que Binho cava cuidadosamente sua arqueologia em direção ao centro da memória aos pedaços. Assim, Binho realiza um trabalho ao mesmo tempo arqueológico e poético – remetendo a situações acontecidas em sua carreira nos últimos vinte anos, resgatando imagens e histórias, a narrar memórias meio perdidas, para quem viveu aquilo e a quem não viveu e quer saber também.

Não é apenas um livro sobre grafite, mas um livro que integra todo o fazer do grafite a suas atividades suporte, da ideia para o desenho à destruição do muro. A narrativa de Binho leva o grafite a lugares diferentes do lugar comum: o lugar do risco, o lugar da delicadeza, o lugar do fazer autoral, o lugar do fazer partilhado, o lugar periférico, o lugar central, chegando aqui, o lugar de cristalização, conservação e poética do livro. O grafite, assim como a narrativa oral, é efêmero, mas não se deixa de desenhar na lona do abacaxi porque a fiscalização *vai arrancar*. Como o vendedor de abacaxis resiste com seu caminhão na rua, Binho resiste no desenho.

Agradecimentos

Agradeço a preciosa interlocução com a *Laura Cohen* durante a preparação desta publicação.

Agradeço imensamente a todos que contribuíram diretamente para a realização do livro:

Editora Impressões de Minas e Selo Leme, Elza Silveira, Estratégias Narrativas, Flávia Péret, João Perdigão, Laura Cohen, Luana Melgaço, Luiz Ruffato, Renato Negrão, Wallison Gontijo.

Registro aqui algumas pessoas que me influenciaram e ajudaram durante meus últimos vinte anos de atividade nas ruas de BH. Essas trocas foram muito importantes para mim (na conversa, na amizade ou simplesmente na minha admiração pelo que fazem).

Acme Crew, Adams Carvalho, Adriana Galupo, Adriana Machado, Adriano Cinelli (Onio), *Adriano Mana, Agosto Butequim, Aiala, Airone, Ancestral, Alê Faria, Alessandro Lima, Alex Lazarini, Alexandre Peroco, Alexandre Rato, Alexia Melo, Alicate, Alto Contraste, Amanda Sgarbi, Ana Cristina Amâncio, Ana Elisa Ribeiro, Ana Tereza*

Brandão, Anavilhana Filmes, Andrea Murta, André Barreto, André Gusmão, André Mintz, André Monteiro, Angelina Camelo, Angelo Abu, Aniston Nest, Anizio Vianna, Arcangelo Café, Aruan Mattos, Ataide Miranda, Atos, Áurea Carolina, Autivistas, Baba Jung, Baixo Ribeiro, Bárbara Avelar, Bárbara Campolina, Beavis, Benedito Ramalho, Benedikt Wiertz, Bernardo Sek, Betho Freitas, Binho Ribeiro, Brigida Campbell, Bruno Barreto, Bruno Figueiredo, Bruno Monteiro, Bruno Pacheco, Bruno Vilela, Café Biografias, Caio Machado, Carminha Villamarin, Carol Bicalho, Carolina Jaued, Carolina Mazzini, Casa de Gentil, Casa do Hip Hop do Taquaril, Casagravada, Cão, Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), Charleston Bernardes, César Avelar, Ciro Schunemann, Choque Cultural, Clan Coletivo Gastronômico, Clara Valente, Clarissa Campolina, Claudia Renault, Cláudio Santos, Cláudio Luiz de Oliveira, Cláudio Simões, Clebin Quirino, CNP, Conrado Almada, Crazy Boys, Cris Giroletti, Criolo, Dalata, Daniel C. F., Daniel Queiroz, Daniel Todeschi, Daniela Mansur, *Danielle Cristina, Darío Velasco, Davi Melo (DMS), Davi Zaidan, Dawa Drolma, Debora Braun, Deborah Lopes, Delza Marques, Demorô, Denis Leroy, Denise Dninja, Dereco, Destro, Desali, Diana Castilho, Dinho Bento, Dizzy Express, Does, Doktor Bhu,*

Douglas Din, Dragana Brankovic, Ed Marte, Edmun, Eduardo Recife, Eduardo Sô, Efe Godoy, EmergeLab, Erro 99, Escola de Arquitetura da UFMG, Escola Guignard, Espaço Comum Luiz Estrela, Espaço Manufato, Estan de Lau, Eurico Fernandes, Fábia Lima, Fabiano Fonseca, Família de Rua, Fausto Bernardes, Fefe Tavalera, Felipe Gobbi, Fernanda Azevedo, Fernanda Flaviana, Fernando Giroletti, Fernando Rabelo, Fhero, Figo, Flávia Regaldo, Fred Paulino, Frederico Tavares, Frederico Vieira, Gabriel Bhell, Gabriel Dias, Gangue Azucrina, Gelson Veloso, Giancarlo Salvador, Gi Nogueira, Glauco Gonçalves Dias, GMC, Goma, Grupo Poro, Gud Assis, Gueiko, Gui Dub, Guilherme Bizarro, Guilherme Cunha, Guilherme Kolô, Guilherme Lessa, Guito Ribeiro, Gustavo Abah, Gustavo Amaral, Gustavo Caetano, Gustavo Jardim, Gustavo Maia, Gustavo Marx, Gustavo Ziller, Guto Borges, Helder Alves de Lima, Helder Cavalcante, Helton Air, Hebert Baglione, Hildebrando (Adihash), Hisne, Homaley Lauar, Hyper, Ignácio Aronovich, Iris Barreto, Iron, Ivone Melgaço, Jaider Laerdson, Jane Leroy, Jeanne Pilli, Jeff Santos, Jenny Choe, Jetz, Jimmy Leroy, Joana Castro, Joana Meniconi, Joana Oliveira, Joana Renó, José Cabral Filho, José Aguiar, João Maciel, José Marcius, Jubel Barreto, Juliana Freyre, Julia Panadés, Juliana Laurino, Juliano Augusto, Júlio Dui, Kadu dos Anjos, Kadu Doy,

Karina Felipe, Koh Murao, Lama Padma Santem, Larissa Alves, Lea Barreto, Leda Barreto, Leila Massiére, Lelo Bantu, Leonardo Barcelos, Leonardo Cesário, Leonardo Mascarenhas, Leonardo Mendonça, Leonardo Mendonza, Leonardo Oliveira, Leonardo Souza, Lidia Viber, Lorena Melgaço, Lucas Bong, Lucas Brandão, Lucas Hallel, Lucas Torres, Lud Mila, Ludmilla Zago, Luiz Henrique Vidigal, Luiz Pretti, Luiz World, Lygia Lee, Maizena, Manuel Carvalho, Marcela Soares, Marcelo Batista (Wally), Marcelo Lax, Marcelo Ramos, Márcio Barbalho, Márcio Murari, Marco Aurélio Prates, Marco Túlio Resende, Maria Luiza Viana, Maria Amélia Barreto, Maria de Castro Barreto, Mariana Fagundes, Mariana Fonseca, Mariana Martins, Marília Rocha, Martielo Toledo, Matheus Fanaia, Matreus Aminadab, Matuto, Maurício Leonard, Mauro Cardoso, Mc Marechal, Mika Costa, Minas de Minas, Mini Galeria, Mone, Monja Coen, Mr. Fer, Múmia, MTS, Nado Soares, Negro F, Nerino, Nicolas Vassou, Nilo Zack, Nitro Imagens, Oi Kabum! BH, Onio, Os Gêmeos, Pablo Bernardo, Pablo Lobato, Parteum, Paula Gontijo, Paulo Roberto Costa, Paulo Roberto Lisboa, Pedro Figo, Pedro Ninja, Pedro Souza, Pedro Valentim, Piero, PDF Crew, Piolho Nababo, Preto Mateus, Programa Rimas e Recortes, Projeto Guernica, Quarto Amado, Rafael Casamenor, Rafael Mansur, Rafael

Matos, Rafael Mendonça, Ralph Antunes, Ramar, Ramon Martins, Rangel Sales, Raquel Bolinho, Raquel Schembri, Real Vandal, Rejane Ayres, Regina Mota, Remed, Renata Figueiredo, Renata Maia Irving, Renata Marquez, Renato Madureira, Renato Melgaço, Renato Negrão, Residência Artística Mutuca, Revista Cemporcento Skate, Revista Fiz, Revista Graffiti 76% Quadrinhos, Revista Ocas, Revista Piseagrama, Revista Soma, Revista Zica, Reyone Ribeiro, Ricardo Portilho, Richard Garrell, Roberto Bellini, Rodrigo Astro, Rodrigo Barreto, Rodrigo Lodi, Rodrigo Mogiz, Rodrigo Muchelas, Rodrigo Rückert, Roger Dee, Roger Deff, Ronaldo Miranda, Roodboss Sound System, Rupestre Crew, Santana Dardot, Santiago Calonga, Sávio Leite, Sbolk, Senai Cecoteg, Seres, Sérgio Borges, Sérgio Gifonni, Sérgio Luiz (Anjo), Servo, Spin Force Crew, Solange Souza, Surto, Stick, Sylvia Amelia, Tagore, Tainá Lima, Tales Bedeschi, Tarsila Goulart, Tatiana Barreto, Tati Castru, Tati Cavinato, Testa, Tibério França, Thais Beltrame, Thaís Geckseni, Thiago Alvim, Thiago Fazito, Thiago Macabro, Thiago Matéria Prima, Thiago Mazza, Thiago Monge, Thiago Syen, Tonel Lima, Tot, Túlio Borges, Ulisses Soares, Vatos Locos, Voltz Design, Vinicin MC, Vitché, Warley Bombi, Wagner Braccini, Wera, William Baglioni, XSpray, Xerel, Zé Álvaro, Zi Reis, Zimun.

Agradeço às pessoas que generosamente possibilitaram a impressão deste projeto através do financiamento coletivo.

Adriana Machado, *Agnes Lúcia dos Santos*, *Ana Beatriz Siqueira Moraes*, *Ana Paula Silva de Assis*, *Anderson de Almeida*, *Andrea Murta*, *André Gusmão*, *André Góes Mintz*, *Angelina Camelo, Annita Saldanha Marques, Antônio Fachinelli Ouzad*, *Antônio Martins*, *Arthur Benfica Senra*, *Bernardo Barros*, *Bianca Aun*, *Biano Batista*, *Bruno Camargos*, *Bruno Dutra de Araújo*, *Bruno Monteiro Pires Lima*, *Bruno Pacheco*, *Carina Gonçalves*, *Carina Guedes*, *Carlos Frederico de Brito d'Andréa*, *Carol Guidi*, *Carolina Guerra*, *Carolina Fonseca Vilela*, *Cecília Xavier*, *Cid Costa Neto*, *Clarissa Campolina*, *Clarissa Carvalhares*, *Clayton Hudson Lourenço*, *Cláudia Schembri*, *Cláudio Simões Fonseca*, *Cristiano Oliveira*, *Cristina Nolasco Barcelos*, *Daniela Fernandes Diniz*, *Delza Lúcia Silva Marques*, *Denis Leroy*, *Denise Morado*, *Diana Castilho*, *Diana Gebrim*, *Diogo Carvalho de Andrade*, *Diogo da Costa Rufatto*, *Douglas Torres da Silva Gomes*, *Débora Bodevan*, *Edmundo Miranda*, *Eduardo Recife*, *Eliane Moraes Lessa*, *Elza Silveira*, *Equitéria Pereira*, *Érica Espírito Santo*, *Érico Grossi*, *Estevam Quintino Gomes Júnior*,

Fabiana Reis Parentoni, *Fabiano Fonseca*, *Fause Salim Feres Lauar*, *Fernanda Azevedo*, *Fernanda Rennó*, *Fernando Milliet Roque*, *Flávia Maria Marques Cordeiro*, *Flávia Mantovani*, *Flávia Péret*, *Flávio Afonso Gonçalves Mourão*, *Francisco Vanúbio Dias Cordeiro*, *Fred Paulino*, *Frederico Tavares*, *Fábia Pereira Lima*, *Gabriel Bihhel*, *Gabriela Abdalla*, *Gabriela Marques*, *Geralda Iria da Silva*, *Gisele Braga*, *Gui Cunha*, *Guilherme Cury*, *Guilherme Leonel*, *Guilherme Lessa*, *Gustavo Marx*, *Gustavo Ziller*, *Gustavo da Rocha Jardim*, *Henrique Marques*, *Ignácio Aronovich*, *Ingrid Caroline Damião Vieira*, *Jaider Laerdson*, *Janina Pessoa*, *Jeff Santos*, *Joana Oliveira*, *Joanna Angelo Ladeira*, *José Amantino Júnior*, *José dos Santos Cabral Filho*, *Jubel Barreto*, *Julianna Brandão*, *Junior Wildstyle*, *Laura Godoy*, *Laís Grossi*, *Leila Massiére*, *Leonardo Lage*, *Leonardo Maciel Martins*, *Leonardo Soares Alves*, *Luana Melgaço*, *Lucas Barbi*, *Lucas Brandão Arouca*, *Lucas Hallel*, *Luis Otavio Ribeiro*, *Luiz Antonio Garcia Prestes da Costa*, *Luiz Felipe Fernandes*, *Luísa Melgaço*, *Léo Drumond*, *Manu Angel*, *Marcela Araújo Melo*, *Marcela Soares*, *Marcelo Pianetti*, *Marcelo Terça-Nada*, *Marco Aurélio Prates*, *Marcos Pimentel*, *Marcus Desimoni*, *Maria Amélia Barreto*, *Maria Antônia Coelho Moreira*, *Maria Imaculada Barbosa*, *Maria Leite Chiaretti*,

Maria Luiza Viana, *Maria Raquel Bolinho*, *Mariana Fagundes*, *Mariana Fonseca*, *Mariana Guglielmelli*, *Mariana Pinheiro*, *Marina Barros Andrade*, *Marina Fonseca*, *Matheus Fanaia Machado*, *Miracy Barbosa de Sousa Gustin*, *Miranda Monteiro*, *Márcia Marques Cordeiro*, *Mônica Profeta*, *Nicolina Barreto*, *Norma De Souza Lopes*, *Pablo Lobato*, *Paola Menezes*, *Paula Gontijo Martins*, *Paulo César Coelho Ferreira*, *Paulo Roberto Barreto*, *Pedro Figo*, *Rafael Cosenza*, *Rafael Mendonça*, *Ramon Alves*, *Raphael Pietropaolo*, *Raquel Monteiro Pires de Lima*, *Regina Fernandes*, *Renata Figueiredo Batista*, *Renata Maia Irving*, *Renato Barbosa Marques*, *Renato Madureira Silva*, *Ricardo Portilho*, *Richard Garrell*, *Robinho Bhz*, *Rodrigo Aleixo*, *Rodrigo Diniz*, *Rodrigo Lamounier de Miranda*, *Rodrigo Lodi*, *Rodrigo Otávio Barreto Corrêa*, *Rodrigo Ribeiro*, *Rogério Carvalho Silva*, *Ronaldo Mayrink de Castro Garcia Dias*, *Ronaldo Miranda*, *Samara Araújo*, *Sara Pimenta Resende*, *Shirley Pacelli*, *Sylvia Amélia*, *Sávio Leite*, *Sérgio Borges*, *Sérgio Giffoni, Tarsila Goulart*, *Tati Castru*, *Tatiana Motta Sales Barreto*, *Thiago Carvalho Pena*, *Thiago Santos*, *Tiago Fazito*, *Vanessa Camila da Silva*, *Warley Bombi*, *Wera Cln*, *Zé Álvaro.*

Índice de imagens

Todos os desenhos e fotografias foram produzidos por Binho Barreto, salvo quando a autoria for citada neste índice.

Capa – fotografia: autorretrato dos pés calçados (2014).
Página 5 – fotografia: lixeira (2017).
Página 8 – fotografia: passarela para pedestres na avenida Cristiano Machado, BH (2014).
Páginas 10 e 11 – fotografia: muro (2009).
Página 12 – xerox encontrado na calçada, interferido com lápis de cor e tinta acrílica (2012).
Páginas 14 e 15 – fotografia: obra parada (2010).
Página 16 – desenho com tinta nanquim sobre papel (2015).
Páginas 18 e 21 – graffitis realizados em 1996 com o Homaley e com o MTS, na equipe que assinava *Jetz*. Ambos foram feitos em pilastras de sustentação do viaduto da avenida Francisco Sales.
Páginas 22 e 23 – graffiti na estação ferroviária de Barbacena, MG (2015).
Página 26 – fotografia: maquinista (2010).
Páginas 28 e 31 – graffiti realizado no bairro Betânia, BH (2015).
Página 32 – desenho com tinta acrílica sobre papel (2011).
Páginas 34, 35, 40 e 41 – graffiti realizado no bairro Santa Inês, BH, e caderno de processo (2013).

Páginas 42 e 43 – desenho com tinta nanquim sobre papel (2014).
Página 45 – desenho com tinta nanquim sobre papel (2013).
Páginas 46 e 47 – fotografia realizada durante evento de graffiti em Contagem, MG (2016). Ma Três Aminadab e um amigo.
Páginas 50 e 51 – Graffitis e encontros com: 1. Mone, 2. Clara Valente, 3. Raquel Bolinho, 4. Hisne, 5. Na Tora Crew, 6. Helder Cavalcante, 7. Dalata, 8. Dinho Bento, 9. Mateus, Air, Figo e Dalata, 10. Marcelo Lax, 11. Lucas Bong e Rodrigo Astro, 12. DMS e Dalata. 13. Thiago Alvim, 14. Ramon Martins, Clara Valente, Macabro e Stefany, 15. Lelo Banto, 16. Surto e Luiz World.
Página 52 – desenho em tinta acrílica sobre papel (2013).
Páginas 53 e 54 – graffiti no bairro Renascença, BH (2014).
Página 59 – fotografia: gaiola (2016).
Páginas 60 e 61 – fotografia: vida loka (2014). Pichação de autoria desconhecida.
Página 63 – fotografia: couros (2013).
Páginas 64 e 65 – graffiti no bairro Cachoeirinha, BH (2014).
Páginas 68 e 69 – fotografia: fogão e riacho (2013).
Página 71 – graffiti em Raposos, MG (2013).
Página 73 – desenho em tinta acrílica sobre papel (2013).
Página 77 – graffiti realizado em Contagem, MG (2016).
Página 79 – desenho em pastel oleoso sobre papel (2015).
Páginas 80 e 81 – graffiti no bairro Santa Cruz, BH (2016).

Página 83 – desenho extraído de um caderno de rascunhos (2016).

Páginas 84 e 85 – fotografia de autoria de Thiago Alvim. Graffiti no bairro Santa Cruz, BH (2016).

Páginas 86 e 87 – fotografia: caixotes, e desenho com nanquim a partir da fotografia (2010).

Página 91 – desenho em nanquim sobre papel (2016).

Página 93 – fotografia: D10 (2014).

Página 98 – fotografia: rua Guaicurus com avenida Oiapoque, BH (2016).

Página 101 – desenho para camiseta do Duelo de MC´s (2014).

Página 105 – grafitagem ao vivo durante a final do Duelo de MC´s Nacional, BH (2015).

Página 107 – fotografia: Good Price Calçados, BH (2016).

Páginas 112 e 113 – desenho em nanquim sobre papel (2016)

Página 117 – graffiti no bairro Taquaril a convite do Projeto Providência, com a participação de Lucas Bong e Rodrigo Astro, BH (2016).

Páginas 118 e 119 – fotografia: reforma/revolução, pichação de autoria desconhecida, BH (2015).

Página 123 – Café Palhares, BH (2016).

Páginas 124 e 125 – fotografia: placa (2014) e cachorro (2015).

Página 129 – desenho em tinta nanquim sobre papel (2015).

Página 135 – fotografia: roda de bicicleta (2014).

Páginas 136 e 137 – graffiti no bairro São Gabriel, BH (2015).

Páginas 142 e 143 – fotografia: calçado na calçada da Praça Sete (2015).
Página 144 – fotografia: viaduto da Lagoinha (2016).
Páginas 146 e 147 – fotografia da fachada do antigo Cine Brasil, Belo Horizonte (2001).
Página 151 – fotografia: avenida Consolação, SP (2008).
Páginas 152 e 153 – viaduto em obras, BH (2016).
Página 154 – fotografia do grafiteiro GMC. Autoria desconhecida (1991).
Página 156 – desenho em tinta nanquim sobre papel (2015).
Página 157 – fotografia: Move, BH.
Página 161 – fotografia: O Cão Malote, BH (2010).
Página 164 – desenho em tinta nanquim sobre papel (2015).
Página 165 – fotografia: cobertor e árvore. Referência à obra "7.000 Carvalhos" de Joseph Beuys, BH (2016).
Páginas 168 e 169 – fotografia: avenida Pedro II, BH (2016).
Página 171 – graffiti realizado por Homaley Lauar e MTS, no bairro Santa Tereza, BH (2012).
Página 173 – desenho em lápis de cor sobre papel (2015).
Páginas 174 – graffiti realizado no bairro Renascença, BH (2014).
Páginas 176 e 177 – fotografia: rua Curitiba, BH (2017).
Páginas 182 e 183 – fotografia: Edifício Arcângelo Maletta, BH (2017).

Bibliografia

(livros que cito, que permeiam os assuntos abordados nesta publicação ou que me motivaram a escrevê-la)

BARICCO, Alessandro. *Novescentos: um monólogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

BASBAUM, Ricardo Roclaw. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BEHR, Nicholas. *BrasíliA-Z: cidade-palavra*. Brasília: Ed. do autor, 2014.

BROSSA, Joan. *Poesia vista*. São Paulo: Amauta e Ateliê, 2005.

CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo. Invisível Produções, 2015.

CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHUÍ, Fernando; TIBURI, Marcia. *Diálogo/desenho.* São Paulo: Senac, 2010.

COOPER, Martha; CHALFANT, Henry. *Subway art*. Londres: Thames and Hudson, 1984.

CORTÁZAR, Julio. *A volta ao dia em oitenta mundos* (tomos I e II). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DAVID, Margolick. *Strange Fruits: Billie Holiday e a biografia de uma canção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
DO RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2013.
FERRO, Sérgio. *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
GITAHY, Celso. *O que é Graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
GONTIJO, Mariana Fernandes. *A cultura do grafite: por um direito das ruas*. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2015.
LEMINSKI, Paulo. *Paulo Leminski: toda poesia*.São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *The medium is the massage*. Londres: Penguin, 1967/1996.
MUTARELLI, Lourenço. *Diomedes: a trilogia do acidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
NAVARRO, Luiz. *Pele de propaganda: lambes e stickers em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2016.
NEGRÃO, Renato. *Vicente viciado*. Belo Horizonte: Rótula, 2012.
OMAR, Arthur. *O zen e a arte gloriosa da fotografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
PAMUK, Orhan. *A maleta do meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PERDIGÃO, João. *Viaduto Santa Tereza*. Belo Horizonte: Conceito, 2016.
RABELO, Laura Cohen. *Ainda*. Belo Horizonte: Impressões de Minas/Leme, 2012.
RABELO, Laura Cohen. *Ferro*. Belo Horizonte: Impressões de Minas/Leme, 2016.
RUFATTO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
RUFATTO, Luiz. *Inferno Provisório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
SOUZA, Marcelo Lopes. *ABC do desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
SOUZA, Marcelo Lopes. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
SOUZA, Marcelo Lopes. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
VIANNA, Anízio. *Escrevo ao vivo*. Belo Horizonte: Quarto Setor, 2016.
ZI, Lao. *Dao de jing* (tradução de Mario Sproviero). São Paulo: Hedra, 2014.

(filmes)

A cidade é uma só? (Adirley Queirós), Brasil, 2012, 79 min.
Butinada: a origem do punk no Brasil (Gastão Moreira), Brasil, 2006, 110 min.
Cidade cinza (Marcelo Mesquita, Guilherme Valiengo), Brasil, 2013, 85 min.
Documentário PDF Crew (Ed-Mun), Brasil, 2016, 44 min.
Elon não acredita na morte (Ricardo Alves Júnior), Brasil, 2016, 75 min.
Lúcio Flávio, o passageiro da agonia (Hector Babenco), Brasil, 1977, 120 min.
Manoel de Barros: só dez por cento é mentira (Pedro Cezar), Brasil, 2008, 118 min.
Desertor (Clarissa Campolina; Luiz Pretti), Brasil, 2017, 28 min.
Panorama Histórico Brasileiro – Anos 70: Trajetórias (Marcelo Gomes), Brasil, 2001, 28 min.
Panorama Histórico Brasileiro – O Brasil da Virada (Dainara Toffoli e Ninho Moraes), Brasil, 2007, 31 min.
Style Wars (Tony Silver; Henry Chalfant), Estados Unidos, 1983, 111 min.

(internet)

binhobarreto.com
brasil.elpais.com/autor/luiz_fernando_ruffato_de_souza
chaodafeira.com
estrategiasnarrativas.org
impressoesdeminas.com.br
lendoosclassicosluizruffato.blogspot.com.br
lost.art.br
n-1edicoes.org
nicolasbehr.com.br
obeltrano.com.br
piseagrama.org
raquelrolnik.wordpress.com
revistapessoa.com

Binho Barreto trabalha em diversas áreas que têm o desenho como interseção. É ilustrador, professor e desde 1995 atua cotidianamente com o graffiti. Participa de projetos interdisciplinares e desenvolve pesquisas com fotografia e processos gráficos. Mais recentemente vem se aproximando da escrita, na busca por interfaces entre palavra e imagem. É formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard/UEMG, com mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Nasceu em Belo Horizonte e, após temporadas em São Paulo e em Nova York, voltou a residir na capital mineira. Participou das residências artísticas *Repia* (em Belo Horizonte), *RAM5* (na cidade de Altamira, em Minas Gerais) e *Agora Art Action* (em Bela Crkva, na Sérvia).

Publicam-se poesia e prosa,
gregos e troianos, barrocos e modernos:
o Selo Leme foi criado pela Impressões de
Minas e pelo ateliê de Estratégias Narrativas
com a ideia de incentivar a criação literária e
publicar novos autores.

TEXTO © Binho Barreto

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização do autor.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Elza Silveira
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS Laura Cohen Rabelo

Nesta edição, respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

FICHA CATALOGRÁFICA

B273p 2017
Barreto, Binho.
Perímetro urbano / Binho Barreto.
Belo Horizonte : Impressões de Minas, 2017.
189 p.

ISBN: 978-85-63612-33-5

1. Escritos brasileiros. I. Título.

CDD: B869.8

Ficha catalográfica elaborada por: Júlia Gonçalves da Silveira
Bibliotecária/Documentalista
CRB-6 720

Impressões de Minas
rua Bueno Brandão 80 Floresta 31015-178
Belo Horizonte - MG
Tel. (31) 3492 2383
www.impressoesdeminas.com.br

Fui impresso em maio de 2017 na gráfica da Impressões de Minas, miolo em papel Pólen soft 80g e capa em papel Supremo 200g em tipologia Adobe Garamond Pro.